

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH-III  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA

ANA PAULA SILVA DOS SANTOS

PROTAGONISMO DAS MULHERES DE MASSAROCA A PARTIR DOS  
PROCESSOS EDUCATIVOS DO COMITÊ DAS ASSOCIAÇÕES  
AGROPASTORIS

Juazeiro – BA

2023



ANA PAULA SILVA DOS SANTOS

PROTAGONISMO DAS MULHERES DE MASSAROCA A PARTIR DOS  
PROCESSOS EDUCATIVOS DO COMITÊ DAS ASSOCIAÇÕES AGROPASTORIS

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de Pesquisa: Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edonilce da Rocha Barros.

Juazeiro – BA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S237p

Santos, Ana Paula Silva dos

Protagonismo das mulheres de Massaroca a partir dos processos educativos do Comitê das Associações Agropastoris / Ana Paula Silva dos Santos. Juazeiro-BA, 2023.  
111 fls.: il.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edonilce da Rocha Barros.  
Inclui Referências.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Ciências Humanas DCH-III. Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, Campus III. 2023.

1. Protagonismo feminino – Mulher rural. 2. Protagonismo feminino – Processos educativos. 3. Protagonismo feminino – Participação social. 4. Protagonismo feminino – Autonomia. 5. Massaroca – Juazeiro-BA. I. Barros, Edonilce da Rocha. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas DCH-III. III. Título.

CDD: 305.420981

## FOLHA DE APROVAÇÃO

"PROTAGONISMO DAS MULHERES DE MASSAROCA A PARTIR DOS  
PROCESSOS EDUCATIVOS DO COMITÊ DAS ASSOCIAÇÕES  
AGROPASTORIS"

ANA PAULA SILVA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos — PPGESA, em 31 de março de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professora Dra. EDONILCE DA ROC BARROS (Orientadora)

Universidade do Estado da Bahia — UNEB

Doutorado em Ciências Humanas

Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC



Professor Dr. EDMERSON DOS SANTOS REIS (Avaliador Interno)

Universidade do Estado da Bahia — UNEB

Doutorado em Educação

Universidade Federal da Bahia — UFBA



Professor Dr. PEDRO PAULO SOUZA RIOS (Avaliador Externo)

Universidade Federal de Sergipe — UFS

Doutorado em Educação

Universidade Federal de Sergipe — UFS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder o maior presente que é a vida, me proporcionando oportunidades e experiências incríveis e de muito aprendizado, que me tornam mais humana e sensível com as distintas realidades socioeducativas, sobretudo as diferenças sociais que se encontram próximas e/ou distantes de mim.

Agradeço a minha família, pelo incentivo, apoio e paciência diante de todo o processo de construção deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer a minha saudosa e amada genitora, Maria de Fátima Silva dos Santos, que embora não esteja mais presente, permanece sendo para mim a maior referência de coragem, determinação e autonomia feminina.

Estendo os meus agradecimentos a minha orientadora, professora Dra. Edonilce da Rocha Barros por toda atenção e companheirismo nessa intensa e gratificante jornada de pesquisa e sistematização de conhecimento científico.

Aos avaliadores, professor Dr. Edmerson dos Santos Reis e professor Dr. Pedro Paulo Souza Rios, minha gratidão pelas contribuições analíticas, críticas e sugestões para a melhoria da presente dissertação.

Do mesmo modo, agradeço aos/às professores/as, toda equipe do PPGESA/UNEB e colegas de turma, que contribuíram no meu processo de aprendizagem acerca da realidade da Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Agradeço a todas as pessoas das comunidades rurais do Distrito de Massaroca, especialmente as mulheres trabalhadoras rurais que me receberam com grande atenção. Sou grata por cada gesto de acolhida e partilha sobre as suas histórias de vida, luta e resistência.

## RESUMO

A participação da mulher rural na produção agrícola é um fato incontestável, mas quase sempre invisibilizado, restrito ao espaço doméstico e privado. Esta pesquisa teve como objetivo avaliar o protagonismo e a participação social de mulheres rurais vinculadas ao Comitê das Associações Agropastoris de Massaroca (CAAM), com enfoque nos processos educativos. A base empírica da pesquisa foi o distrito de Massaroca, Juazeiro, Bahia, sede do CAAM. É um estudo de caso de abordagem qualitativa. Utiliza diferentes técnicas de coleta de dados como a observação direta, visitas, entrevistas semiestruturadas e entrevistas com grupos focais. Os resultados demonstram que as mulheres rurais de Massaroca vêm exercendo um protagonismo nos espaços de poder e decisões, como presidentes das associações rurais e do CAAM; coordenadoras de projetos produtivos, dentre outras atividades que em passado recente eram atribuídas somente aos homens. A pesquisa evidencia também o papel das mulheres rurais como provedoras do lar, no exercício de atividades geradoras de renda familiar que tem sido fundamental para sua autonomia. Esses aspectos também implicam na sua condição de liberdade e de visibilidade perante a sociedade. O estudo demonstra ainda que a condição das mulheres no espaço rural pesquisado tem passado por uma transformação social significativa, que segundo elas próprias tem a ver com os processos formativos que elas vêm participando dentro e fora do CAAM. Os espaços públicos que elas frequentam têm lhes permitido sair da invisibilidade e as colocando como protagonistas de suas histórias de vida, como também têm permitido que elas adquiram mais autonomia e liberdade, o que as diferenciam do lugar comum da mulher rural historicamente subalternizada.

Palavras-chave: mulher rural; processos educativos; participação social; protagonismo; autonomia.

## ABSTRACT

The participation of rural women in agricultural production is an indisputable fact, but almost always invisible, restricted to the domestic and private space. This research aimed to evaluate the protagonism and social participation of rural women linked to the Committee of Agropastoral Associations of Massaroca (CAAM), with a focus on educational processes. The empirical basis of the research was the district of Massaroca, Juazeiro, Bahia, headquarters of the CAAM. It is a case study with a qualitative approach. It uses different data collection techniques such as direct observation, visits, semi-structured interviews and interviews with focus groups. The results demonstrate that rural women from Massaroca have been playing a leading role in the spaces of power and decisions, as presidents of rural associations and CAAM; coordinators of productive projects, among other activities that in the recent past were attributed only to men. The research also shows the role of rural women as providers of the home, in the exercise of activities that generate family income, which has been fundamental for their autonomy. These aspects also imply their condition of freedom and visibility in society. The study also demonstrates that the condition of women in the researched rural space has undergone a significant social transformation, which according to them has to do with the formative processes that they have been participating inside and outside the CAAM. The public spaces they frequent have allowed them to leave their invisibility and place them as protagonists of their life stories, as well as allowing them to acquire more autonomy and freedom, which differentiate them from the commonplace of historically subaltern rural women.

Keywords: rural woman; educational processes; social participation; protagonism; autonomy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Localização do Distrito de Massaroca, Juazeiro BA	13
Figura 2:	Parte externa da Escola Rural de Massaroca – ERUM	25
Figura 3:	Parte interna da Escola Rural de Massaroca – ERUM	25
Figura 4:	Fundo de pasto para criação extensiva dos animais	27
Figura 5:	Visita às famílias	28
Figura 6:	Realização de entrevista	30
Figura 7:	Grupo Focal	32
Figura 8:	Respostas das mulheres sobre: o que é Autonomia?	56
Figura 9:	Vista panorâmica da COOFAMA	76
Figura 10:	Pesquisadora recebendo “ovos da Caatinga”	77
Figura 11:	Feira Agroecológica de Massaroca	79
Figura 12:	Feira Agroecológica de Massaroca	79
Figura 13:	Encontro de mulheres trabalhadoras rurais na comunidade de Canoa	81

## LISTA DE QUADROS (BOXES)

BOX 1	Relato de Ana Lúcia e Adriana Leandra.....	52
BOX 2	Relato de Jousivane e Clarice.....	54
BOX 3	Relato de Clarice.....	58
BOX 4	Relato de Yolanda .....	59
BOX 5	Relato de Marizete Carolina.....	60
BOX 6	Relato de Ivoneide e Ivone Carmelita.....	61
BOX 7	Relato de Jousivane e Jaqueline.....	63
BOX 8	Relato de Ana Lúcia e Jousivane.....	65
BOX 9	Relato de Marizete e Maráíza.....	71
BOX 10	Relato de Ana Lúcia .....	74
BOX 11	Relato de Adriana e Eliene.....	79
BOX 12	Relato de Ana Lúcia .....	82

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAAM	Comitê de Associações Agropastoris de Massaroca
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CESOL	Centro Público de Economia Solidária
COOFAMA	Cooperativa Agropecuária Familiar de Massaroca e Região
COVID 19	Corona Virus Disease 2019
CPT	Comissão Pastoral da Terra
ERUM	Escola Rural de Massaroca
IRPAA	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PPGESA	Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos
RESAB	Rede de Educação do Semiárido Brasileiro
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIVASF	Universidade do Vale do São Francisco

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	12
1.1	ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO .....	19
2	TRAJETÓRIA TEÓRICA-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	21
2.1	MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NA PESQUISA .....	21
2.2	OS CAMINHOS TRILHADOS.....	24
2.2.1	As visitas.....	24
2.2.2	A observação direta.....	28
2.2.3	As entrevistas .....	29
2.2.4	Grupo focal .....	31
3	BASES TEÓRICA DA PESQUISA.....	34
3.1	EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E SUA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.....	34
3.2	GÊNERO E PROTAGONISMO FEMININO.....	41
3.3	MULHERES RURAIS E TRABALHO .....	45
4	PROTAGONISMO E AUTONOMIA DAS MULHERES DE MASSAROCA, VINCULADAS AO CAAM .....	51
4.1	PROJETOS EDUCATIVOS DIRECIONADOS ÀS MULHERES DO CAAM.....	51
4.2	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES	64
4.3	PROCESSOS EDUCATIVOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O PROTAGONISMO E AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM.....	67
4.4	PROTAGONISMO E AUTONOMIA FEMININA ALCANÇADOS PELAS MULHERES RURAIS VINCULADAS AO CAAM.....	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	85
	REFERÊNCIAS .....	90

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	96
APÊNDICE B: ROTEIROS PARA ENTREVISTAS.....	100
ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	105

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discorre sobre as experiências de protagonismo vivenciado pelas mulheres trabalhadoras rurais no Distrito de Massaroca. Entende-se por protagonismo feminino a capacidade que as mulheres têm em ocupar o lugar central da própria história, tendo condições de assumir o seu papel enquanto agentes de transformações, não cabendo nesse lugar funções coadjuvantes.

O estudo origina-se das minhas vivências educativas em espaços formativos e populares e do contato com as mulheres participantes de experiências organizativas da região de Massaroca. Sou formada em Pedagogia e atuei por 12 anos como educadora social, com grupos comunitários, em Juazeiro. Nesse período, tive a oportunidade de conhecer diferentes trabalhos de base no norte da Bahia, onde pude observar que o envolvimento e a participação das mulheres sempre se destacavam, evidenciando experiências de organização, engajamento e fortalecimento coletivo. A partir daí, surgiu o meu interesse pela pesquisa científica, gerando dessa forma, a elaboração do estudo que teve como objeto o protagonismo das mulheres a partir dos processos educativos do Comitê de Associações Agropastoris de Massaroca (CAAM), Juazeiro Bahia. Tais processos englobam experiências escolares e não escolares, que proporcionaram o envolvimento e a participação das mulheres no referido Comitê, permitindo aprendizagens, que fazem a diferença no que diz respeito à autonomia e envolvimento nas causas socioeducacionais, econômicas e ambientais locais.

O distrito de Massaroca está situado no polígono da seca, Semiárido baiano, município de Juazeiro/BA. Ocupa uma área de 400 km<sup>2</sup>. Vide figura 1.

Figura 1 – Localização do Distrito de Massaroca, Juazeiro BA.



Fonte: site da Articulação Nacional de Agroecologia

Uma das características marcantes desse distrito é a existência de diferentes comunidades rurais, baseadas sobre vínculos familiares e experiências de Fundo de Pasto<sup>1</sup>, um espaço aberto acessível à comunidade para o uso coletivo dos recursos naturais e para a criação de animais soltos principalmente caprinos e ovinos, que se alimentam da vegetação nativa da região. No fundo de pasto também é praticado o extrativismo, a exemplo da coleta do fruto do umbuzeiro, planta nativa do Semiárido, abundante no local. Essa experiência se relaciona com os modos de vida das pessoas, onde desenvolvem suas atividades para sua permanência nesse contexto, desde a instalação das fazendas de gado no período da colonização no Sertão do São Francisco. As relações de amizade e compadrio entre as pessoas é um elemento bastante presente na região. Do mesmo modo, existe o apoio mútuo nas experiências individuais e coletivas para a geração de renda, ocorrendo assim experiências de economia solidária.

Outro aspecto que se destaca na região de Massaroca é a existência das associações rurais. Estas surgiram na década de 1980, com o apoio da Igreja Católica, por meio das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs<sup>2</sup>. As associações foram criadas com o intuito de proteger as áreas de

<sup>1</sup>Segundo Caron; Sabourin e Silva (2004), chama-se Fundo de Pasto ou Fecho de Pasto as reservas de pastagem, em terras utilizadas para o pastoreio comunitário. Essas "terras comuns" fazem parte do patrimônio coletivo de comunidades rurais.

<sup>2</sup> Conforme Costa; Zangelmi e Schiavo (2010), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram e, em muitos contextos, ainda são muito influentes na motivação dos fiéis católicos para a luta política. Muitos deles se tornaram militantes de referência em movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos e associações de moradores. As ideias de conscientização, democratização e organização são elementos fundamentais para os agentes pastorais engajados no trabalho das CEBs.

Fundo de Pasto de uma eventual desapropriação para implantação de grandes projetos desenvolvimentistas, via os financiamentos públicos.

É a partir dos elementos elucidados acima que nasce o Comitê de Associações Agropastoris de Massaroca (CAAM), em 1989, constituído, inicialmente, por nove associações da região. Atualmente, são 12 associações representando as seguintes comunidades: Lagoa do Jacaré, Lagoa do Meio, Lagoa do Caldeirão, Caldeirão do Tibério, Cachoeirinha, Curral Novo/Jacaré, Papagaio, Cipó, Lagoa do Angico, Lagoinha, Canoa e Juá/Saquinho. A criação do Comitê ocorreu após uma viagem de intercâmbio de alguns dirigentes das associações comunitárias à França com os agricultores/as da região de Montpellier, cujos alguns aspectos climáticos tinham semelhanças com a região de Massaroca. Essa viagem teve o objetivo de promover trocas de experiências entre os agricultores/as de Massaroca com os agricultores do Sul da França (Montpellier), região das *garrigues*<sup>3</sup>. Na época da viagem o ponto marcante dos/as agricultores/as de Massaroca era o associativismo, ou seja, a organização social e os dos agricultores franceses era os seus sistemas produtivos.

Os constantes intercâmbios renderam alguns resultados significativos para ambos, sendo um deles, a constituição do CAAM e a construção da Escola Rural de Massaroca (ERUM), na Comunidade de Lagoinha. Para Reis e Barros (2006, p. 246), “[...] a ERUM foi o elemento de maior impacto do Projeto de Desenvolvimento das Comunidades Rurais de Massaroca, pois a sua institucionalização foi a concretização materializada da luta do CAAM por melhores dias e condições de vida no campo”.

Visando uma melhor apropriação acerca dos processos educativos vivenciados em Massaroca, fiz uma busca, através de sites na internet<sup>4</sup>, de pesquisas acadêmicas, Programas de Pós-graduação, direcionando a investigação para diferentes produções, como artigos e dissertações

---

<sup>3</sup> *Garrigue* é uma formação vegetal constituída por arbustos de pequeno porte e relativamente esparsos. As principais espécies identificadas nessas áreas são buxo, carrasco, alecrim, rosmaninho, alfazema e o timo. É uma vegetação mediterrânea que abriga um número elevado de espécies de animais, semelhante a região semiárida, na qual está situada Massaroca.

<sup>4</sup> Desde essa fase inicial da pesquisa, foram realizadas intensas buscas sobre estudos voltados ao contexto de Massaroca. Dessa forma, diferentes sites de internet, especialmente o “google acadêmico” tiveram bastante acesso. Esse exercício me proporcionou maior conhecimento sobre a história do lugar, suas experiências organizativas e produtivas. Todo conjunto das produções pesquisadas, como relatórios, revistas científicas, artigos, dissertações e outros, teve relevante contribuição para o desenvolvimento do presente trabalho.

sobre estudos realizados acerca dessa realidade, por compreender que estas se aproximam/ou se relacionam com o meu objeto de pesquisa. Várias obras foram encontradas como a de Barros, Sabourin e Caron (1999) que abordam sobre o desenvolvimento local e associações de pequenos agricultores de Massaroca. Outro estudo pesquisado se refere ao manejo dos “fundos de pasto” no Nordeste baiano, enquanto exemplo de reforma agrária sustentável, de Sabourin, Caron e Silva (1999). Um estudo bastante significativo sobre o movimento de Massaroca encontrado foi a dissertação de mestrado de Edmerson dos Santos Reis apresentada à Université du Québec à Chicoutimi/Universidade, resultado de uma parceria com a Universidade do Estado da Bahia, intitulada: “Educação e desenvolvimento rural em Massaroca: avaliação de uma prática educativa” (2002). Esse estudo apresenta a realidade da escola rural de Massaroca (ERUM), e analisa sua proposta pedagógica voltada para a comunidade e suas contribuições para o desenvolvimento local. Em outro estudo de Silva e Tonneau (2005), nos permitiu compreender um processo de aprendizagem coletiva e o desenvolvimento da agricultura familiar no sertão da Bahia. Palitot (2007), em sua dissertação de mestrado faz uma análise acerca da Pedagogia da alternância, tendo como lócus de seu estudo a ERUM. Caron e Sabourin (2020) em um estudo mais recente abordam sobre camponeses do sertão e o fundo de pasto no Nordeste da Bahia, mostrando novas diversidades e especificidades em relação ao quadro geral da evolução fundiária do Nordeste do Brasil.

A leitura dessas produções sobre a realidade de Massaroca, em suas diferentes abordagens, foi fundamental para se ter uma melhor apropriação do campo empírico da pesquisa. A partir delas tive uma compreensão melhor de um movimento socioeducativo que me fez repensar e redefinir com maior propriedade meu objeto de estudo, colocando o protagonismo das mulheres nesse contexto, algo ainda não tão bem delimitado até então.

Falar sobre a participação das mulheres no contexto rural de Massaroca é tocar numa realidade ainda pouco visível. Analisando essa trajetória, apreende-se que elas sempre foram protagonistas na geração de renda familiar, no entanto, seus trabalhos foram invisibilizados. Não apenas os homens eram provedores da família, elas também eram e muitas vezes assumiam sozinhas o sustento de suas casas, algo comum quando os maridos migravam para as cidades grandes, como São Paulo, no Sudeste do país, em busca de emprego nos períodos de longas estiagens no Semiárido nordestino. Elas se tornavam chefes de família cuidando além das atividades domésticas, dos animais, do abastecimento de água, quando não tinham acesso ao abastecimento de água potável e ainda não existiam as cisternas de armazenamento de água.

Conforme Malvezzi (2007, p 15), o alívio do trabalho feminino começa a surgir com as cisternas de placas construídas no pé das casas. Quem está longe, ou raciocina a partir da águaencanada, não pode compreender o peso que essa inovação retira das costas de mulheres e crianças.

Assim, busquei com esta construção evidenciar a participação e o envolvimento das mulheres nas diversas atividades rurais agrícolas e não agrícolas e agroindustriais familiares, visibilizando seu trabalho privado, no espaço doméstico e seu trabalho nos espaços públicos, ou seja, na lavoura, na criação de animais, nas agroindústrias familiares de transformação dos produtos da agricultura e do extrativismo, a exemplo do umbu e também nos espaços institucionais de poder e decisão, nas funções de gestoras das associações, do Comitê, de projetos produtivos, dentre outras atividades, antes cargos estes atribuídas apenas aos homens. A atuação e o labor feminino sempre estiveram presentes no contexto rural, porém, com pouquíssimo reconhecimento social ou quase nenhum. As atividades comumente atribuídas às mulheres sempre foram vistas por muitos anos como algo insignificante, reduzido a uma ajuda ou colaboração, fator que cooperou negativamente para a construção de um imaginário social equivocado sobre o papel feminino em relação ao trabalho masculino.

Essa condição de desigualdades não é algo novo, ela se encontra presente desde os tempos do patriarcado, sistema de domínio social masculino que gerou ao longo da história a subalternidade de inúmeras mulheres, tanto nos espaços públicos quanto privados. Apesar de certos avanços, ainda permanece presente, a falta de equidade nas relações de gênero, considerando as influências patriarcais que perpetuam negativamente na vida das mulheres ao longo dos anos. Ela gera além da invisibilidade feminina, também a falta de valorização da sua participação social, ocasionando vulnerabilidades, em decorrência dos imaginários machistas presentes também no campo.

Por outro lado, fica evidente certo movimento das mulheres, que decidiram enfrentar a problemática e buscar o reconhecimento dos seus direitos. E essa experiência começa a surgir no momento em que a informação se torna atingível, através das experiências de organizações coletivas e formativas. Dessa maneira, dialogar sobre determinadas temáticas, tais como: cidadania, preservação ambiental, direitos e deveres, política, gênero, empreendedorismo e outros temas, torna-se algo bastante presente na vida das mulheres hoje, promovendo a

construção do conhecimento no espaço rural além da condição de mulher da roça onde o direito de ter a própria voz ainda não tem sido assegurado.

Importante ressaltar que todo processo de aprendizagem ocorre por meio da Educação. Segundo Vianna (2006, p. 130), “A Educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”. Diante dessa concepção, fica visto que os processos educativos fazem parte da vida das pessoas e abrange uma dimensão muito além do ensinar, instruir. Ela representa um grande potencial de transformação social, que não se limita aos espaços de sala de aula. Para Maturana (1999, apud MOURA e ZUCHETTI, 2006, p.228) “Educação é um processo de interação que ocorre o tempo todo, confirmando o conviver em sociedade.” Sendo assim, por meio dos processos educativos surgem vivências comuns, vínculos e conexões que são essenciais para o desenvolvimento social, político, cultural e econômico de um determinado lugar, que promovem melhorias na vida das pessoas, neste caso específico, das mulheres no contexto de Massaroca.

Nesta linha de raciocínio, a educação do e no campo, hoje, representa um lugar a ser cada vez mais valorizado, pois fora de uma educação tradicional, funcionalista, traz pautas contextualizadas, as demandas e problemas reais do contexto rural, a partir de análises críticas, buscando as resoluções dos problemas e as mulheres sendo protagonistas, ou seja, reivindicando espaços de fala e representação diante das necessidades que são apresentadas no dia a dia.

Para Molina e Jesus (2004, p.25) “um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade do movimento por uma Educação do Campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito a educação e a uma educação que seja no e do campo.” Assim, a educação “no” campo relaciona-se à prática educativa concretizada no lugar onde se vive. E a educação “do” campo se refere ao desenvolvimento educativo pertencente ao contexto local, considerando as particularidades sociais, culturais, políticas, econômicas e demais demandas inerentes ao povo camponês.

Tomando como base essas declarações, fica evidente que falar sobre uma proposta educativa do e no campo é também defender uma intervenção educativa que dialogue com as pessoas e o seu lugar (o espaço rural), considerando os diferentes aspectos existentes, como as histórias de

vida, maneiras de produção, relações pessoais e o próprio ambiente, tornando-se um grande potencial de transformação dos indivíduos e seus entornos. Esse processo de construção do conhecimento não se dá de maneira isolada, mas partindo de uma experiência coletiva.

Assim, consideramos a relevância do ensinar e aprender em conjunto. Dessa maneira, os processos de ensino ocorrem partindo da troca e da inter-relação. Conforme Freire (1967, p. 39), “[...] o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”. Essa vivência educativa se estabelece por meio de um processo de reconhecimento da própria realidade, analisando as histórias de vida, atividades diárias, experiências culturais e outras, onde sempre estamos aprendendo ou ensinando algo. Por essa razão, podemos dizer que, as experiências educativas se concretizam tanto nos contextos escolares, como além destes, em distintos ambientes sociais. A educação possui um grande potencial formativo e interativo e por meio dela, ocorrem mudanças de mentalidades que promovem impactos nas realidades locais. Podemos dizer ainda, que a educação é intencional, ou seja, busca transformações, potencializando as capacidades das pessoas e dos grupos as quais são integrantes. Assim sendo

A educação é parte da engrenagem social. Portanto, fazer uma análise da educação exige uma análise da sociedade na qual se está inscrito. Então, se a educação é função da sociedade, não se pode pensar numa mudança da educação sem uma mudança na sociedade, e tampouco em mudar a sociedade sem realizar mudanças na educação. (CENDALES; MARIÑO, 2006, p.13)

Portanto, fica evidente que não existe separação entre os processos educativos e a sociedade. A educação não se encontra à parte do contexto social. Logo, sofre influências e também influencia o ambiente em que se encontra inserida. Falar em engrenagem nos transporta à ideia de movimento, articulação, peça chave para deslocar-se. É exatamente isso que a educação opera. Sabemos, no entanto, que esse processo operativo da educação não ocorre de maneira harmoniosa, retilínea. Assim como a sociedade, a educação também possui suas contradições e desafios, pois, como já fora afirmado, ela não se encontra à parte da sociedade, mas inserida nesta. Cedales e Mariño (2006, p.14) afirmam ainda que “os projetos de educação não formal não podem esquecer as profundas assimetrias que atravessam nossas sociedades”. Dentre as contradições existentes, identificamos distintas situações, tais como: injustiça social, exclusões étnicas, religiosas, culturais e outras, geralmente reflexos do modelo de desenvolvimento neoliberal. Outra contradição a ser ressaltada relaciona-se às questões de gênero e o

protagonismo das mulheres, onde o machismo se revela como forma de discriminação, que violenta e oprime as mulheres de diferentes maneiras. E diante de tal cenário, o que se espera é que a educação enquanto proposta de intervenção ofereça alternativas concretas que promovam mudanças de mentalidades, pensamentos críticos sobre a realidade, de apoio político, contribuindo para a formação das pessoas e suas transformações sociais, como as que ocorreram em Massaroca nos últimos 30 anos de trabalho educativo junto às comunidades rurais e na ERUM na educação formal das crianças e da juventude.

Conforme Palitot (2007, p.8), “os espaços pedagógicos de formação não acontecem apenas em sala de aula, mas também nos espaços de produção, da família, da convivência social, da cultura, dos serviços”. Desta maneira, pautei a construção de pesquisa procurando analisar as experiências educativas das mulheres, tanto nos espaços escolares como os não escolares e sua participação vinculada a uma experiência organizativa, neste caso, ao Comitê, a fim de saber de que forma e em que medida esse envolvimento, propicia processos de autonomia, desde o espaço privado (âmbito doméstico) ao espaço público de produção, empreendedorismo, comercialização e participação. Posto isto, a questão norteadora para esta pesquisa foi: como os processos educativos no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca contribuíram para o protagonismo e a autonomia das mulheres vinculadas ao Comitê das Associações Agropastoris de Massaroca (CAAM)? E para responder essa questão, buscou-se:

- (i) identificar os processos educativos implementados no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca direcionados às mulheres;
- (ii) analisar em quais aspectos os processos educativos contribuíram para o protagonismo e autonomia das mulheres vinculadas ao CAAM;
- (iii) revelar as mudanças e os avanços alcançados pelas mulheres rurais vinculadas ao CAAM e os desafios que elas enfrentam para exercerem o protagonismo e a autonomia.

## 1.1 ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está estruturada em cinco partes, contando com esta introdução. Esta primeira parte introdutória apresenta as motivações que levaram a pesquisadora a escolher o objeto da pesquisa; contextualiza e problematiza esse objeto; demonstra a partir do estado arte os estudos já realizados no lócus da pesquisa relacionados ao objeto de estudo; destaca o problema de pesquisa e os objetivos delineados para sua realização.

A segunda parte – Trajetória teórica-metodológica da pesquisa, apresenta uma abordagem sobre o tipo da pesquisa, o método e as técnicas que foram utilizadas para coleta de evidências, na fase do trabalho de campo.

A terceira parte – Bases teóricas da pesquisa, traz as concepções teóricas que fundamentam as argumentações e interpretação dos dados empíricos, recolhidos no período da pesquisa de campo. Três categorias analíticas principais são aqui tratadas: Educação contextualizada e sua relação com a Convivência com o Semiárido; Gênero e protagonismo feminino; Mulheres rurais e trabalho. As argumentações teóricas estão fundamentadas na perspectiva do paradigma dos estudos feministas e da educação contextualizada para a convivência com o Semiárido.

A quarta parte - Protagonismo e autonomia das mulheres de Massaroca, vinculadas ao CAAM, apresenta os resultados da pesquisa e revela os aspectos que dizem respeito ao processo de protagonismo e autonomia das mulheres trabalhadoras rurais vinculadas ao CAAM. Do mesmo modo, apresenta os desafios que elas ainda necessitam enfrentar enquanto estratégia de superação das necessidades ou entraves existentes.

A quinta parte – Considerações finais, busca retomar brevemente questões apresentadas na introdução do trabalho e responder se o problema de pesquisa foi resolvido, além de pontuar se foram descobertos novos problemas e sugere novas questões para futuras pesquisas.

## 2 TRAJETÓRIA TEÓRICA-METODOLÓGICA DA PESQUISA

A definição da metodologia é um exercício que possibilita ao pesquisador/a a escolha do caminho mais adequado e das estratégias apropriadas para o desenvolvimento da pesquisa. No presente estudo tal definição não foi uma tarefa fácil, gerando inicialmente certo temor para atender às exigências de uma análise científica. Mas, aos poucos, foi se estruturando, tornando o estudo mais prático, evidenciando-se ponto chave desse caminhar. A partir daí, foram surgindo as devidas condições para o desenvolvimento dessa trajetória, onde buscou-se sempre garantir o contato e a aproximação com o contexto investigado. Desse modo, as ações desenvolvidas proporcionaram a inserção na realidade, seguida de verificações e interpretações acerca do fenômeno social estudado, cujos resultados se tornaram visíveis e que serão apresentados nos próximos capítulos.

Vale pontuar que desde o primeiro momento da etapa de campo foi possível estabelecer uma relação cordial com as mulheres, que demonstravam abertura favorável à participação, viabilizando posteriormente a realização de visitas e entrevistas nas suas residências. Houve boa aceitação das comunidades visitadas com a proposta da pesquisa. Além das residências, foram feitas visitas a alguns espaços institucionais ou de uso coletivo, como por exemplo: a Escola Rural de Massaroca (ERUM), a sede da Associação da comunidade de Canoa, a Feira Agroecológica e o espaço de atendimento das Irmãs da Caridade do Bom Pastor<sup>5</sup>. Os primeiros contatos com essas instituições tiveram a finalidade para conhecer a infraestrutura, localização e dinâmicas de funcionamento. Em seguida, foram feitas visitas para a participação de encontros, reuniões e realização de algumas entrevistas. Essa trajetória proporcionou a inserção com o contexto local, sendo feitos vários contatos e diálogos com as pessoas que residem nas comunidades rurais, oportunizando maior conhecimento e compreensão sobre o objeto de estudo.

### 2.1 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Toda pesquisa exige a construção de um plano de investigação. Assim, considerando os objetivos propostos para o estudo, levou-se um tempo a fim de definir os caminhos que seriam

---

<sup>5</sup> Congregação religiosa católica que desenvolve a missão de apoio e solidariedade às pessoas em situação de vulnerabilidade social, contribuindo para o empoderamento, defesa da dignidade e transformação social.

trilhados, principalmente porque ainda estávamos lidando com as atividades de forma remotas, devido a Pandemia do Coronavírus 19<sup>6</sup>. As telas digitais não nos permitiam os encontros com as/os colegas, as/os docentes, e pior, não tinha ideias claras como iria fazer o trabalho de campo, o que tornava mais difícil ainda essas escolhas. Pode-se afirmar que não foi uma etapa fácil. A organização do arcabouço da pesquisa foi surgindo aos poucos, com a clareza que seria uma investigação de abordagem qualitativa, uma vez que buscava-se compreender o contexto local, interagindo com as pessoas que vivem nesse contexto, em especial as mulheres vinculadas ao CAAM. A análise qualitativa trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes que coadunavam com a proposta do estudo e investigação.

Para André (2013, p.97), “as abordagens qualitativas se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas”. Ainda em relação à abordagem qualitativa, Bauer e Gaskell (2008, p. 65), afirmam que:

O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial.

Assim, a pesquisa requereu o olhar voltado para a realidade dos contextos sociais e as relações humanas que ali se estabelecem. Essas relações são construídas através das vivências, dos contatos e experiências. Houve o contato direto com as mulheres e suas famílias, conhecendo suas histórias de vida, relatos sobre suas vivências nos espaços organizativos locais, avanços e desafios que dizem respeito tanto à vida pessoal quanto às comunidades. Esses foram alguns dos aspectos presentes no campo social, analisados no decorrer da pesquisa. Trata-se, portanto de um estudo de caso, centralizado nos processos educativos das mulheres vinculadas ao CAAM.

---

<sup>6</sup> Doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, iniciada em 2019 na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China e que se propagou mundialmente gerando uma pandemia. Conforme Lima; Buss e Souza (2020, p. 01), a “pandemia de COVID-19 evidenciou uma profunda mudança nas relações entre espaço, tempo e doenças infecciosas. Percebeu-se que o mundo estava mais vulnerável à ocorrência e à disseminação global, tanto de doenças conhecidas, como novas”.

O Estudo de Caso, como método de pesquisa, contribui para se colher o máximo de informações sobre o objeto de estudo, nesse caso, os processos formativos vivenciados pelas mulheres, bem como realizar análises de todos os elementos que integram com o objeto da pesquisa, isso porque o estudo de caso tem como escopo valorizar o contexto e os sujeitos que fazem parte do mesmo. Segundo Gil (2008, p. 57) “esse método é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento”. No arcabouço do plano da pesquisa foram definidos os procedimentos que seriam adotados diante de uma situação de pandemia, já que se pretendia estabelecer contato direto com a realidade para a interação pretendida.

Ainda sobre o Estudo de Caso, Martins (2008, p.10) considera que se trata de uma metodologia aplicada para avaliar ou descrever situações dinâmicas em que o elemento humano está presente. Para esse autor “o trabalho de campo – estudo do caso – deve ser precedido por um detalhado planejamento, a partir de ensinamentos advindos do referencial teórico e das características próprias do caso”, como foi feito antes mesmo de se partir para o terreno, ou seja, para o lócus da pesquisa: as Comunidades rurais de Massaroca.

Conforme Paulo Freire (2028, p. 31), pesquisar é descortinar o encoberto, pois: “Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” Dessa maneira, no desenvolvimento desse estudo, buscou-se descortinar o que estava encoberto acerca das mulheres vinculadas ao CAAM, o que exigiu acessar diferentes técnicas de pesquisa, as quais serão detalhadas a seguir.

Com relação às técnicas adotadas foram utilizadas diferentes estratégias próprias das pesquisas qualitativas e do estudo de caso que promoveu a aproximação com as atrizes sociais da realidade estudada, ajudando a compreender as relações sociais, as práticas ou o fazer cotidiano das mulheres rurais, colaboradoras desta pesquisa. O recorte temporal da pesquisa é de 32 anos (1990-2022). As principais técnicas utilizadas foram as visitas, a observação direta, entrevistas individuais e grupais.

## 2.2 OS CAMINHOS TRILHADOS

### 2.2.1 As visitas

Conforme já mencionado, o caminho trilhado no decorrer da pesquisa se consolidou por meio de atividades que promoveram o contato e a aproximação com a realidade de Massaroca. Dentre estas, as visitas às comunidades e às famílias, cujo intuito foi favorecer além do contato com as pessoas, principalmente as mulheres, o conhecimento sobre suas histórias de vida e o contexto local. As visitas ocorreram em uma primeira fase para marcar entrevistas e na segunda fase para sua concretização.

A realização das visitas é uma técnica de suma importância para estabelecimento do diálogo, da escuta e observação de detalhes objetivos, que se referem aos aspectos vistos diretamente, como as estruturas das casas visitadas e a rotina das mulheres por exemplo. Da mesma maneira, buscou-se identificar as questões subjetivas que tem relação com as opiniões das entrevistadas, suas crenças e ideias acerca da vida e dos seus processos educativos.

Nesse percurso surgiu ainda a oportunidade para participação de 01(uma) reunião ordinária do CAAM, que acontece todo dia 8 de cada mês e ainda participar da Feira Agroecológica, uma iniciativa das/os produtoras/es rurais, em parceria com o município de Juazeiro e governo do Estado da Bahia

Desde a primeira visita, além do contato e aproximação com a realidade, foi possível sentir de perto o que é e o que representa o Distrito de Massaroca para as mulheres que ali vivem. Dessa forma, as visitas funcionaram como porta de entrada para o trabalho de campo. Segundo Minayo (2021, p. 56) a finalidade do trabalho de campo “é construir um conhecimento empírico, considerado importantíssimo para quem faz pesquisa social.” Essa autora afirma ainda que “a pesquisa social trabalha com gente e com suas realizações, compreendendo as pessoas ou grupos como atores sociais em relação e em perspectivas”. (MINAYO, 2021, p.57)

Uma das visitas foi na Escola Rural de Massaroca (ERUM), contando com a recepção da gestora Ana Maria que apresentou o espaço escolar, informando inclusive que este logo passaria por uma grande reforma. Afirmou que a ideia da Rede Municipal de Educação é oferecer

melhores instalações para a comunidade rural. A figura 2 apresenta a parte externa da ERUM como era na época da visita e a figura 3 a parte interna.

Figura 2 – Parte externa da ERUM



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 3 - Parte interna da ERUM



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Assim como em muitas unidades escolares, a ERUM estava oferecendo ensino integral, ou seja, um modelo educativo que busca garantir o desenvolvimento dos/as estudantes em diferentes dimensões (cognitiva, social, cultural, emocional) exigindo a ampliação da carga horária do ensino que é ofertado.

A gestora relatou também sobre os impactos que a pandemia gerada pelo Coronavírus causou nos processos de ensino e aprendizagem. Foi necessário adotar uma estratégia emergencial para a garantia do desenvolvimento das aulas, por meio do ensino remoto. Mas, segundo Ana Maria, o resultado não foi tão satisfatório, se comparado ao ensino presencial, trazendo à tona vários problemas, tanto para os alunos/as quanto para professores/as, como as dificuldades no acesso às ferramentas tecnológicas e internet, como também a necessidade de metodologias e recursos didáticos adequados para o desenvolvimento dessas aulas.

Além desse primeiro contato com a ERUM, teve ainda mais dois, sendo um para participação na reunião ordinária do CAAM (que foi sediada no espaço da escola) e outro para a realização de algumas entrevistas com as mulheres que residem nas proximidades, na comunidade Fazenda Lagoinha.

Sobre a participação na reunião ordinária do CAAM, foi notável que esse espaço tem grande importância para o encaminhamento das demandas e resoluções das problemáticas que são

vivenciadas pelas comunidades rurais. É um espaço de participação democrática onde todos/as têm o poder de fala para expressar suas opiniões e também aprovar em conjunto as decisões que julgarem pertinentes e que gerem benefícios às comunidades. Neste dia de reunião, houve participação de 10 associações rurais. Atualmente, o CAAM tem como presidente uma mulher, a Sr<sup>a</sup> Jousivane dos Santos Silva.

Nesse processo de realização das visitas foi possível percorrer por várias comunidades rurais: Fazenda Canoa, Fazenda Lagoinha, Fazenda Cipó, Fazenda Oliveira, Fazenda Papagaio, Fazenda Lagoa do Meio, Fazenda Lagoa do Jacaré, Fazenda Água Branca, Fazenda Curral Novo. E por meio dessa atividade, tornou-se perceptível a real dimensão da abrangência geográfica local.

Algumas comunidades são distantes umas das outras e as estradas não possuem pavimentação, melhor dizendo, são estradas de chão. A vegetação é a caatinga, cujo cenário encontrado nas vias é retratado por diferentes espécies das matas nativas, como: mandacaru, xique-xique, braúna, umbuzeiro, aroeira, coroa de frade e outras. No período em que foram realizadas as visitas, não houve ocorrência de chuvas no lugar. Dessa forma, os riachos estavam secos e a vegetação esbranquiçada, características peculiares do bioma. Conforme Malvezzi (2007, p.57) a vegetação da caatinga

No tempo da seca, perde as folhas, mas não morre; adormece, hiberna. Várias plantas armazenam água, como o umbuzeiro, que tem batatas nas raízes, onde estoca reservas para os tempos secos. Muitas têm raízes rasas, praticamente captando a água na superfície, no momento da chuva.

A caatinga é um ecossistema exclusivamente brasileiro e rico em biodiversidades adaptado ao clima semiárido. É a vegetação predominante no Nordeste brasileiro, sendo a questão das irregularidades das chuvas um tema ainda bastante presente e desafiador para muitas pessoas, especialmente para aquelas que habitam no interior, no Semiárido. Vale destacar que o tema da escassez de água no semiárido torna-se uma problemática não por sua existência, mas devido às ausências de políticas públicas, das intervenções governamentais que atendam às demandas e necessidades locais. Mas, essa realidade vem melhorando em Massaroca, principalmente no que se refere ao acesso da água nas casas. Além dessas particularidades, verificou-se nesses percursos outra característica bastante comum da região, que é a constante circulação de

animais (caprinos e ovinos) percorrendo pelas estradas ou pelo meio da mata. Conforme já relatado, essa região é de Fundo de Pasto, com a criação de animais soltos.

Figura 4 – Fundo de pasto para criação extensiva dos animais



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Para garantir o acesso às comunidades rurais foi necessário um planejamento prévio, organizando os trajetos de acordo com a localização de cada povoado ou fazenda. Para essa tarefa, houve o apoio de uma das mulheres (Ana Lúcia) que vive no lugar, que indicava a direção pelas estradas afora.

Além das visitas em domicílio, houve também contato com a Feira Agroecológica, uma experiência de geração de renda por meio da Economia Solidária que acontece na sede do Distrito. A primeira edição da Feira ocorreu em 09 de abril de 2022. Desse tempo para cá, segue acontecendo quinzenalmente, com a finalidade de promover a comercialização dos diferentes produtos orgânicos da agricultura familiar e fortalecer o vínculo entre as comunidades envolvidas. A maior participação é das mulheres, que comercializam seus produtos advindos do cultivo de hortaliças e da criação de animais, especialmente galinhas e caprinos.

No decorrer de todas as visitas notou-se que o acolhimento das pessoas foi algo marcante. Recebiam com um sorriso no rosto, demonstrando satisfação ao relatar suas histórias de vida. Algumas eram mais tímidas, outras mais extrovertidas. Todos os relatos foram respeitados, conforme a individualidade de cada pessoa entrevistada. Assim, é legítimo afirmar que

independente das personalidades, todos os contatos nas visitas fluíram bem, fator que proporcionou relevantes informações que serão analisadas nos próximos capítulos.

### 2.2.2 A observação direta

A observação direta, conforme Minayo (2021, p. 58) “é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente”. Por meio dessa técnica despontou-se maior compreensão sobre as mulheres e determinados aspectos das suas realidades, que extrapola o que foi narrado por elas.

Dessa forma, foi possível perceber que o contato com a realidade proporcionou além da aproximação, maior interação com as pessoas entrevistadas. Durante esse período investigativo, notou-se a simplicidade das pessoas. A grande maioria, ao receber o convite para participar da pesquisa demonstrou interesse, abrindo as portas das suas casas, com gestos de acolhimento e atenção. Algumas, inclusive ofereciam um cafezinho durante a conversa. Ficou perceptível que a população leva uma vida simples, mas não de pobreza extrema. Valorizam o lugar onde vivem, suas raízes, suas histórias. Ao contrário do passado, hoje, as pessoas as quais foram contatadas, afirmam que não deixam mais o seu lugar, afirmando que ali é bom de viver. A figura 5 mostra a pesquisadora com a orientadora em uma das visitas a uma família.

Figura 5 - Visita às famílias



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Assim como as visitas, a observação foi um procedimento de grande importância para o processo de análise sobre o objeto de estudo. Observou-se por exemplo, a rotina das mulheres, seus trabalhos diários que são realizados tanto no espaço doméstico quanto fora dele. A maior parte das mulheres que foram visitadas desenvolvem atividades na produção de hortaliças, criação de galinhas e produção de ovos.

Com relação à dinâmica do CAAM, foi perceptível a presença marcante das mulheres, que atualmente vem ocupando espaços de lideranças nas organizações comunitárias, nas presidências e secretarias. Ficou evidente também que o Comitê é um espaço que foi conquistado pelas comunidades rurais e funciona como um mecanismo de representação política das pautas comuns que dizem respeito às realidades das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais da região.

A partir do contato com a realidade, foi notável a simplicidade das pessoas e a maneira especial de recepcionar quem chega em suas comunidades. Suas casas são simples, de alvenaria, algumas com cisternas ao lado, geralmente com cercados de estacas de madeira da própria caatinga e arames farpados. Existem aquelas que possuem também galinheiros nas proximidades, uma das fontes de renda para as famílias.

### 2.2.3 As entrevistas

Em relação a entrevista, considera-se que esta técnica foi uma fonte valiosa de informações, que proporcionou também a interação com as pessoas entrevistadas, sendo a sua base o diálogo. Assim, por meio das conversas, surgiram diferentes narrativas de vida. Segundo Minayo (2021, p. 58) a

Entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador e sempre dentro de uma finalidade. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo.

Sendo assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas de maneira individual, utilizando um roteiro com perguntas direcionadas ao que se pretendia investigar, garantindo flexibilidade

durante o diálogo, onde surgiram diferentes relatos sobre: maneiras de pensar, condutas e opiniões pessoais acerca dos temas propostos para a investigação.

Para Nunes; Nascimento e Luz (2016, p. 148) “a entrevista semiestruturada, busca alcançar uma maior profundidade nos dados coletados, bem como nos resultados obtidos”. Portanto, favorece maior amplitude das informações sobre o objeto de estudo. Minayo (2021, p.59), destaca também que por meio da entrevista semiestruturada “o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.” Assim, considera-se que esse processo ocorreu espontaneamente, permitindo fluidez na conversação e o envolvimento das mulheres.

Durante o processo de entrevista, além do acesso às casas das mulheres, houve também informações no que se refere às suas histórias de vida, onde algumas se sentiram à vontade para compartilhar experiências profundas referentes às suas condições enquanto mulher, mãe, esposa, filha, provedora do lar. São distintos papéis que essas mulheres assumem no dia a dia e por vezes se misturam. A partir dos seus relatos notou-se a existência de uma coragem e força de vontade para superar as dificuldades que enfrentam em suas realidades, como a busca pela sobrevivência por meio do trabalho.

Figura 6 – Realização de entrevista



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Logo que houve a diminuição dos casos da Covid 19 e o processo de vacinação da população, surgiu maior segurança nas pessoas para circularem e se encontrarem. E, sobre a realização da pesquisa, buscou-se desde o princípio seguir os protocolos de segurança determinados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a própria Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Dessa forma, surgiu a oportunidade para o contato com o lócus da pesquisa, com a realização de 13 (treze) entrevistas com mulheres, sendo todas elas vinculadas ao Comitê das Associações Agropastoris de Massaroca (CAAM) e a Escola Rural de Massaroca (ERUM). Dentre estas, aquelas que exerceram funções na diretoria do CAAM, participação na ERUM e outras que exerceram ou exercem posições nas diretorias das associações vinculadas ao Comitê e também nos empreendimentos comunitários.

Foram dias intensos, de muita escuta e atenção para cada relato que era compartilhado por cada entrevistada. No decorrer das análises, optou-se por apresentar as mulheres pelos seus próprios nomes, já que não houve nenhum tipo de impedimento ou restrição. Pelo contrário, elas se sentiam valorizadas por explicar as suas vivências. É importante afirmar que todas assinaram o Termo de Consentimento e Esclarecido – TCLE, participando da pesquisa de maneira livre e consciente de todo o processo investigativo realizado no local.

As treze (13) mulheres entrevistadas foram: Adriana Leandra da Silva; Ana Lucia dos Santos Silva; Clarice da Silva Duarte Evangelista; Edineide da Silva Neres; Eliana Bernadete Cajuí da Silva e Silva; Eliene Nunes da Silva Barbosa; Ivone Carmelita da Silva Neres; Ivoneide Batista da Silva; Jaqueline da Silva e Silva; Jousivane dos Santos Silva; Maraíza Morgado Alves; Marizete Carolina da Silva; Yolanda Nunes da Silva. Todas fazem parte do CAAM e participam das associações locais, ocupando funções de lideranças, como: presidências, tesourarias, secretarias e sempre que necessário representam as comunidades e participam de mobilizações sociais, mutirões e eventos. Algumas ocupam ainda cargos na direção de grupos produtivos. Foi notável o grande sentimento de pertencimento e ao mesmo tempo de valorização das suas histórias de vida e do lugar onde habitam.

#### 2.2.4 Grupo Focal

Grupo focal é aquele que, segundo Cardano (2017, p.223) “se define como técnica de pesquisa qualitativa concebida para gerar uma discussão focalizada dentro de um grupo sobre um tema proposto pelo grupo de pesquisa aos participantes”. Essa técnica vem sendo usada cada vez mais nas pesquisas sociais, muito utilizadas de forma funcional, com uma finalidade específica.

Minayo (2021, p. 62) também auxilia na compreensão de que “a real dimensão de utilidade dos grupos focais é o seu papel interativo, permitindo a formação de consensos sobre determinado

assunto ou de mostrar dissensos a partir das mútuas argumentações”. A entrevista com o Grupo Focal foi realizada com 13 mulheres (sendo 04 também participantes das entrevistas individuais), que além de fazerem parte do CAAM, são acompanhadas pelo Projeto de Empoderamento Econômico das mulheres trabalhadoras rurais, coordenado pelas Irmãs do Bom Pastor. Essas Irmãs já estão há quatro anos em Massaroca, desenvolvendo diferentes ações sociais. Dentre essas, o acompanhamento para mulheres trabalhadoras rurais nas iniciativas de geração de renda.

Desenvolver a técnica de Grupo Focal foi uma relevante oportunidade para obter informações sobre a vida e o cotidiano das mulheres, principalmente no que se refere às concepções sobre o tema trabalho e subsistência. Por meio das atividades do grupo, as conversas aconteceram de maneira leve e fluida, facilitando a participação de todas presentes, até mesmo aquelas mais tímidas, expressaram seus pontos de vista sobre os conteúdos que eram abordados. Foi perceptível que o tema da autonomia tem grande significado e representação na vida das mulheres trabalhadoras rurais. Para elas, a autonomia está relacionada com liberdade, ter o próprio espaço, a própria renda e ter voz para expressar as suas opiniões. A figura 7 é da realização da entrevista do tipo grupo focal.

Figura 7 – Grupo Focal



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Durante a conversa no grupo focal, algumas mulheres expressaram que ainda existe muito preconceito dos homens em relação a elas, não demonstrando acreditar no potencial que possuem para exercerem certas funções além do serviço doméstico.

Outras falaram que “ser mulher não é fácil; temos que fazer muitas coisas, mas nem sempre somos valorizadas. Existe um preconceito.” Durante a conversa no grupo, o tema referente ao labor diário das mulheres se destacou, traduzindo o sentimento das tarefas laborais do cotidiano. Não era de forma vitimizada, mas de maneira empoderada, demonstrando dessa forma que elas já se deram conta de seu potencial, da sua força feminina. Cada participante exteriorizava honradez pelas conquistas, mesmo reconhecendo que ainda existe certa invisibilidade da sociedade referente ao trabalho que executam, não apenas como ajuda, mas como provedora do lar. Existe, portanto, a busca pelo reconhecimento feminino no contexto rural, evidenciando nessas mulheres sinais de protagonismo, em nível individual e coletivo, tanto no espaço privado e doméstico, quanto nos espaços públicos.

Vale reforçar que todo o procedimento metodológico para a realização da pesquisa teve início somente após a submissão e aprovação do Comitê de Ética. Do mesmo modo, foi necessária a autorização das mulheres para exposição de suas imagens, embora procurássemos usar aquelas mais neutras.

### 3 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

Essa parte traz as bases teóricas que contribuíram com as argumentações e interpretação dos dados empíricos, recolhidos no período da pesquisa de campo, com procedimentos analíticos de natureza qualitativa. Três categorias principais são aqui apresentadas: Educação contextualizada e sua relação com a convivência no Semiárido; Gênero e protagonismo feminino; Mulheres rurais e trabalho. As argumentações teóricas estão fundamentadas na perspectiva do paradigma dos estudos feministas e da educação contextualizada para a convivência com o Semiárido. Para tanto, foi necessário um trabalho atento e minucioso, buscando os aportes que dialogassem com a realidade investigada.

Para cada categoria, foram explorados conceitos teóricos nos quais se fundamenta a pesquisa, trazendo enquanto referenciais diferentes autores/as, como Edmerson Reis, Roberto Malvezzi, Luzineide Carvalho, que trazem ricas contribuições acerca da Educação para a convivência com o Semiárido e o contexto rural. Ainda sobre Educação, Paulo Freire coopera para as análises referentes aos processos de autonomia dos sujeitos. Sobre a categoria Gênero e protagonismo feminino, foram argumentadas as concepções de Joan Scoot e Heleieth Saffioti, que tratam das condições das mulheres, problematizando a realidade das questões de gênero. Em relação à categoria Mulheres rurais e trabalho, foram pesquisados aportes teóricos de Silvia Federicci e Izaura Fischer, onde a primeira autora colabora com abordagens críticas em defesa dos direitos das mulheres, especialmente voltados para o reconhecimento do tema trabalho doméstico. Já Fischer contribui nas reflexões acerca das condições das mulheres trabalhadoras rurais, no tocante ao processo de protagonismo.

#### 3.1 EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E SUA RELAÇÃO COM A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

O conceito de educação extrapola a ideia dos processos de ensino e aprendizagem que ocorrem nos espaços escolares. A Lei de Diretrizes e Bases traz no seu artigo 1º que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Sendo assim, a educação, é entendida como um

processo de desenvolvimento da capacidade intelectual e tem uma definição abrangente que engloba metodologias de ensinar e aprender em distintos ambientes.

Cendales e Mariño (2006, p.12) afirmam que: “a educação que se realiza dentro da escola e a que se realiza fora dela relacionam-se entre si”. Tais afirmativas consideram além da existência, a articulação dessas práticas. Dessa maneira, a função da educação não escolar, não deve ser, em nenhuma hipótese a substituição da instituição formal de educação, nem tão pouco criar disputas entre si. Na realidade, a educação não escolar deve ser um complemento, uma adição das oportunidades para a aprendizagem.

Um dos elementos fundamentais na experiência educativa que ocorre fora do espaço escolar se inscreve num horizonte ético e político, voltado para a inclusão e promoção da autonomia das pessoas participantes. E a educação tem um grande potencial formativo, que pode promover mudanças, transformações na vida humana.

Por essa razão, é de suma importância refletir sobre a construção de propostas, que tenham relação com o saber planejar, executar e avaliar as ações realizadas. Essa tarefa requer análises fundamentadas numa compreensão pedagógica sobre as intervenções educativas que são implementadas no local. Freire (2018, p.24) considera que a prática educativa necessita de reflexão crítica, relacionando teoria e prática, para que a teoria não se torne apenas discurso e a prática simplesmente ativismo. Dessa maneira, ele defende que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Entende-se dessa maneira que os processos educativos especialmente nos espaços não escolares da região semiárida, se configuram a partir de uma educação que cria possibilidades e têm colaborado de maneira significativa na formação das pessoas, através de projetos sociais, notadamente por parte das ONGs, que promovem a construção de novos conhecimentos e formação cidadã, principalmente das mulheres que sempre foram alijadas desses processos de formação.

Considerando a aprendizagem como estratégia para o processo de autonomia, Freire (2018, p.67) expõe sobre a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. Esse processo de construção do conhecimento acontece de maneira processual e dialógica, respeitando as diferenças. Durante

a interação com a realidade de Massaroca essa condição ficou muito explícita, em especial quando se conversava com as mulheres e elas revelavam que foi a partir de sua participação nos espaços formativos que começaram a se reconhecerem como mulheres capazes de alcançarem outros patamares, além de serem apenas “donas de casa”.

As práticas socioeducativas podem ser compreendidas como ações de ensino, orientações e instruções, voltadas para a realidade de um determinado contexto social. Através dessas práticas, as pessoas participantes adquirem informações e, portanto, vivenciam processos para construção do conhecimento. Conforme Moura e Zucchetti (2010, p.11), trata-se de práticas bastante heterogêneas, constituindo experiências e atividades de educação realizadas no interior das organizações governamentais e não governamentais. Dessa forma, existem diferentes experiências, com diferentes públicos e contextos (crianças, jovens, mulheres, moradores de bairros periféricos e outros). E, diante dessa pluralidade educativa, existe a Educação do Campo, experiência de ensino e aprendizagem que ocorre nos espaços rurais, nas diferentes partes do país, se fazendo também presente na região semiárida.

E, pensado na realidade semiárida do país, a cada dia, se torna evidente a necessidade de maiores intervenções educativas e dialógicas, que atendam às demandas locais para o seu desenvolvimento, ou seja, de maneira contextualizada. Neste sentido, Martins (2013, p. 03) ressalta que “a educação contextualizada se associa aos processos de rompimento com a narrativa hegemônica, eurocêntrica, branca, macha, cristã, racionalista e capitalista.” Tal processo exige um grande esforço no sentido de expor de maneira crítica que, as narrativas hegemônicas geram predominâncias em seus discursos, privilegiando determinados pontos de vista sobre um contexto em relação aos outros. Essas narrativas são reflexos de um processo de colonização.

A questão da interferência da colonialidade na educação, se expressa nas experiências dos ensinamentos descontextualizados, onde o que prevalece é um discurso padrão, fechado, que não corresponde à pluralidade dos contextos locais existentes. Se trata de conceitos abstratos, sem tocar na realidade concreta da vida dos sujeitos destinatários dos processos educativos. Outro aspecto que se destaca, se refere às estratégias didáticas, que sofrem interferências desses discursos hegemônicos. Em relação a isso Reis (2012, p. 03) adverte que

Os livros didáticos que circularam e circulam na nossa região [semiárida] afirmaram essa caricatura da região, onde o sujeito que vive no Semiárido é visto como o ‘matuto’, é um ‘sujeito sem saber’. É essa a imagem caricaturada que se criou do Semiárido e que ainda está presente entre nós e que nós também que aqui vivemos, terminamos por assumi-la e proliferá-la.

Assim, identifica-se através dos livros didáticos, a propagação de um discurso equivocado sobre o Semiárido, com uma narrativa pejorativa sobre a região e as pessoas, contribuindo para a construção de um imaginário sobre os sujeitos, que são alocados em situações vulneráveis e desprovidos de toda condição intelectual, social, política e econômica. Em relação à condição feminina, é difundido o imaginário que invisibiliza o seu trabalho e/ou o reduz à função das tarefas domésticas. Já com relação aos homens se propaga um imaginário que faz alusão ao “cabra macho” que reforça o machismo, que conseqüentemente gera as relações de desigualdades e até mesmo violências. É por essa e outras questões que se percebe, apesar de certos avanços, a urgente necessidade de mudanças nos discursos e nas práticas sobre o Semiárido, onde a Educação tem função primordial nesse processo.

Devido à escassez das chuvas, uma característica natural do lugar, surgem sucessivos problemas que afetam diretamente as condições de vida de muitas pessoas, ocasionando por exemplo a falta de emprego e a desigualdade social. Dessa forma, a região é vista mediante uma concepção desdenhosa, reproduzida especialmente pelos sistemas midiáticos, através de um único ponto de vista, que reforça somente os aspectos negativos. Conforme afirmado anteriormente, além dos meios de comunicação, os livros didáticos também se tornaram instrumentos multiplicadores dessas (des)informações.

O Semiárido brasileiro apresenta sim suas particularidades, assim como as demais regiões do país. O Brasil é um país de proporção geográfica continental, apresentando uma considerável diversidade cultural de norte a sul, leste a oeste. Cada lugar possui suas características específicas, sejam elas físicas, como: vegetação, clima, relevo; sejam sociais e econômicas, que se referem ao número de habitantes, índice educacional, renda per capita e outros. Dessa maneira, pode-se afirmar que as regiões brasileiras se diferem fisicamente, socialmente e economicamente. No entanto, quando se trata sobre a região Semiárida, o fato que chama a atenção é a visão reducionista, que se é propagada sobre o local. De acordo com Roberto Malvezzi (2007, p.11)

A imagem difundida do Semiárido, como clima, sempre foi distorcida. Vendeu-se a ideia de uma região árida, não semiárida. É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luís Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto. É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos.

A região semiárida é constituída por um considerável território geográfico e possui uma história marcada pela escassez das chuvas. Esse fenômeno é algo natural, porém, o fato de não saber lidar/conviver com ele torna-se uma problemática. Mas, a realidade da região não se restringe somente a essa situação. Nesse sentido, destaca-se que, assim como existem os desafios, existem também as possibilidades, que têm provocado nas últimas duas décadas, resultados significativos para a promoção de melhorias, em outras palavras, avanços para o contexto local. Dentre os avanços, merecem destaque o surgimento de estudos e reflexões sobre a região, fato esse que tem gerado maior visibilidade das riquezas presentes, sendo estas tanto materiais quanto imateriais. Sobre esse processo de produção científica, está o Programa do Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA - UNEB, Universidade do Vale do São Francisco – UNIVASF e outros grupos de estudos acadêmicos que muito tem contribuído com o desenvolvimento educacional, social e cultural do território do Vale do São Francisco, promovendo dessa forma, a propagação de novos saberes acerca da região semiárida em nível nacional e internacional.

Destaca-se ainda as significativas contribuições formativas da sociedade civil, por meio de mobilizações, campanhas educativas, encontros de articulação e formação popular promovidos por diferentes instituições, como as Pastorais Sociais, CPT – Comissão Pastoral da Terra que têm contribuído para articulação política em defesa da garantia dos direitos dos sujeitos. Da mesma maneira, a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – RESAB também têm colaborado para a concretização dessas ações socioeducativas. Através desses encontros, estudos, e pesquisas, surgem narrativas que nos permitem repensar sobre o lugar, não se limitando às discussões depreciativas, colonialistas que por muitos anos, apenas se falava sobre pobreza e miséria, reforçando imaginários e atitudes excludentes.

Nota-se, neste íterim, um movimento de estudos e discussões críticas sobre o Semiárido, que promovem respostas para tal problemática, abordando propostas de soluções que indicam uma

organização educativa e social. E como exemplo de resultados, surgem as ações desenvolvidas pelo poder público, numa tentativa de buscar elucidar determinadas demandas, como o quadro de vulnerabilidade dos direitos, como: direito à terra, à água, educação, saúde, por exemplo. Sobre essa questão, mais uma vez Roberto Malvezzi (2007, p. 132) ressalta que

Já há um número significativo de educadores populares e do ensino formal, vinculados a entidades governamentais e não governamentais, que têm enfrentado esse desafio e se dedicado a encontrar propostas. Depois de muitas experiências em ONGs epastorais sociais, hoje existe a Rede de Educadores do Semiárido Brasileiro (Resab), um espaço de articulação regional da sociedade organizada, congregando educadores e educadoras de instituições governamentais e não governamentais.

Assim, a partir desse movimento, começam aparecer abordagens teóricas que dizem respeito ao contexto local, onde a Educação Contextualizada passa a ser compreendida como uma proposta de intervenção fundamental para a convivência com o Semiárido brasileiro. Mas, não se trata de uma proposta isolada em si mesma. O que se busca é relacionar os aspectos locais com os globais, num constante processo de diálogo para construção do conhecimento. Vale considerar que esse processo nem sempre é harmonioso. Às vezes, são marcados por certos conflitos, que também são necessários para as aprendizagens e ressignificações do pensar. Através dessa proposta educativa, é possível articular as experiências culturais, sociais, relacionais, de gênero, étnicas e escolares, onde a proposta curricular tem a oportunidade de ser mais dialógica, participativa democrática, sobretudo contextualizada.

Através de uma proposta educativa contextualizada, torna-se viável desenvolver ações que façam sentido na história e nos modos de vida das pessoas, promovendo processos de aprendizagens para que se tornem autônomas e transformem suas realidades. Neste sentido Reis (2012, p.8) destaca que

Não dá para não pensar em um desenvolvimento que não compreenda o papel da educação nesse processo, não dá pra construir o desenvolvimento sem que ele seja participativo, sem se contemplar a inclusão dessas questões. Se assim não for, continuaremos a fazer a política de desenvolvimento no papel que não se efetiva na prática.

Para o autor, fica explícita a relevância de uma intervenção educativa que dialogue com a realidade local, que necessita ser compreendida como um lugar real, concreto, cultural, social e político. E, para atender essa realidade, se faz necessário pensar sobre as propostas educativas

que devem ser implementadas, valorizando as discussões para o encaminhamento das demandas e resolução das problemáticas.

Corroborando com essa discussão, Carvalho (2012, p. 02) salienta que “o Semiárido Brasileiro do século XXI ainda é demarcado pela forte exclusão social, mas, por outro lado, por um crescente posicionamento crítico e propositivo da sociedade civil”. Diante da afirmativa da autora, compreende-se que embora se persista uma conjuntura de desigualdades, existe também um movimento crescente de iniciativas, nesse caso, da sociedade civil e instituições parceiras, que buscam de maneira coletiva e organizada encontrar soluções para a melhoria da qualidade de vida na região, lutando contra a pobreza e a injustiça social.

Para dar maior visibilidade sobre as práticas que vem sendo desenvolvidas nos últimos anos na região semiárida, Carvalho (2012, p. 88) assim enfatiza

A Educação Contextualizada tem sido praticada em espaços formais e não formais de Educação. São nas ONG, pastorais, associações, Escolas e outros espaços. A Ecsab, ainda se faz mais presente em espaços não formais, apresentada em forma de cursos, oficinas, encontros com agricultores (as), educadores e educadoras, etc. As organizações membro da rede ASA, por exemplos, baseia a metodologia contextualizada nos cursos de Gerenciamento dos Recursos Hídricos (GRH) com as famílias, para que essas além de aprender os cuidados com a cisterna e outras fontes d'água, também aprendam sobre o Semiárido e sua dinâmica ambiental. Também observa-se em cursos de criação de animais, em cultivo de plantas entre outros.

A partir da descrição de Luzineide Carvalho, pode-se compreender que através das práticas educativas, as experiências de contextualização ganham forma, se concretizam e promovem mudanças significativas nas realidades. Fica notável que a Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido se encontra presente nos diferentes espaços (escolares e não escolares), gerando conhecimentos e promovendo transformações.

Essas experiências educativas têm promovido mudanças também na vida das mulheres que se encontram no contexto rural, dando espaço para o surgimento de pautas e temáticas pertinentes às suas realidades, como: relações de gênero, ser mulher, trabalho e empoderamento por exemplo. Por meio dessas trajetórias educacionais elas se organizam e constroem coletivamente projetos, iniciativas ocupacionais que têm relação com as suas histórias pessoais e do próprio lugar onde habitam. Passam a ter maior compreensão e criticidade acerca das relações sociais que são constituídas, sinalizando assim, a necessidade de maior atenção e valorização social, referente aos processos de protagonismo que vão experimentando, diante de um contexto ainda bastante demarcado pelo machismo.

Assim, a educação contextualizada torna-se um instrumento de transformação por valorizar um processo educativo que dialoga com as pessoas, nesse caso, com as mulheres e seus lugares de convivência. Trata-se, portanto, de experiências vitais para elas, suas famílias e comunidades.

### 3.2 GÊNERO E PROTAGONISMO FEMININO

Discorrer sobre o envolvimento das mulheres nos espaços educativos no contexto rural do Semiárido tem sido uma tarefa necessária na busca pela visibilidade da atuação feminina, num espaço que por muitos anos foi cenário de destaque apenas para o trabalho masculino. Por essa razão, abordar sobre a presença e participação das mulheres tem se tornado algo urgente e imprescindível. Apesar desses desafios de invisibilidades, tal realidade vem mudando, graças às iniciativas de organização das próprias mulheres trabalhadoras rurais. Conforme destaca Sales (2007, p. 439)

A organização das trabalhadoras estimula suas lideranças a pensar sobre as desigualdades de gênero, e, a partir desse olhar, as trabalhadoras começam a discutir sobre a invisibilidade do seu trabalho na agricultura familiar camponesa. As trabalhadoras rurais percebem que as atividades produtivas desenvolvidas no grupo familiar têm um significado econômico; não são simplesmente uma ajuda.

Dessa forma, o processo de protagonismo das mulheres trabalhadoras rurais começa a se estruturar e ser notado. Essa estruturação traz resultados tanto no âmbito doméstico, como externo. Vale destacar que essa organização depende de um processo formativo, ou seja, das experiências de ensino e aprendizagem, que geralmente são adquiridas através das práticas educativas. E por falar em práticas educativas, é importante considerar que seus resultados dependem de intervenções que são realizadas para atender às necessidades que são vivenciadas pelas mulheres, como por exemplo: desigualdades nas relações de trabalho, falta de reconhecimento intelectual e produtivo.

Apesar dos avanços referentes ao tema das relações de gênero, ainda se identifica a presença marcante do machismo<sup>7</sup>, que oprime e violenta as mulheres cotidianamente, impedindo que

---

<sup>7</sup> Para Menezes (2022), machismo é um comportamento fundamentado na compreensão de que os homens são superiores às mulheres e baseia-se na cultura patriarcal que associa à figura do pai a uma liderança, que pode ser transposta para todas as áreas do desenvolvimento social. Assim, pela concepção machista, a mulher desempenha um papel de subalternidade em relação ao homem, servindo e obedecendo.

muitas delas tenham acesso à informação e à educação. E tal situação não se restringe ao contexto urbano, pelo contrário, se encontra bastante presente no contexto rural. Assim, considera-se relevante observar as interferências dessas desigualdades na vida das pessoas, sobretudo das mulheres em Massaroca.

Gênero, enquanto conceito insurge a partir dos estudos de Joan Scott, na década de 1990. Antes desse período, existia somente a dualidade entre sexo e gênero. Mas, Scott trouxe novas perspectivas acerca dessa temática, que para ela se encontrava interligada com as relações de poder e de dominação. A partir dessa ideia, compreende-se gênero como uma construção social e histórica que envolve a relação entre o ser masculino e feminino.

O surgimento desse conceito contribuiu para dar maior visibilidade à participação das mulheres na própria história, pois até então, quando se tratava sobre as questões femininas, a referência era restrita ao sexo e à família, de maneira separada dos aspectos políticos e econômicos, por exemplo. Conforme Scott (1995, p. 85)

O termo "gênero" faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens.

Assim, tanto as concepções de Scott quanto os posicionamentos dos movimentos feministas contribuíram para uma construção social e histórica referente às relações de gênero, abordando sobre a existência de uma relação de poder e dominação, demarcadas por símbolos construídos socialmente que interferiram e ainda interferem o que representa o ser masculino viril, forte, independente e dominador, em detrimento do ser feminino, sob uma condição de dependência e fragilidades, ou seja, o “sexo frágil”. Dessa maneira, o gênero pode ser entendido desde uma análise de poder e dominação social.

Como resposta de enfrentamento ao machismo, os movimentos feministas buscam se apoiar e assim seguem promovendo espaços de debates e reflexões sobre essa problemática de desigualdades, encorajando as mulheres sobre a importância de estudar, compreender temáticas que dizem respeito às relações de equidade de gênero. Nessa direção, Siqueira (2014, p.4) faz a seguinte declaração:

---

Observo que, enquanto empoderamento feminino, este processo cobra um preço na vida pessoal e pública destas mulheres, pois tensões têm sido geradas nas famílias e nas comunidades, com dificuldades nas relações entre cônjuges, entre parentes e entre vizinhos. Neste contexto, estou dialogando com o conceito de empoderamento de mulheres a partir de uma perspectiva feminista, ou seja, como um processo da conquista de autonomia, de autodeterminação, implicando, portanto, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal construída historicamente.

Essas afirmativas advertem que o processo de formação e autonomia das mulheres, nem sempre ocorre de maneira tranquila, pelo contrário, são visíveis situações de tensões e conflitos tanto no âmbito social externo, como nos espaços familiares, domésticos. Dessa forma, entende-se o quanto é necessário fortalecer as estratégias para valorização, no que se refere à participação das mulheres, inclusive no contexto rural. Assim, promover espaços onde todas possam se tornar agentes construtoras e multiplicadoras de seus processos educativos.

O envolvimento e participação das mulheres nas instituições educativas geram oportunidades de experiências libertadoras, ou seja, a partir dessas vivências, adquirem maiores condições para se tornarem autônomas e, portanto, protagonistas de suas histórias. Ao mesmo tempo, tais experiências são respostas de enfrentamento ao sistema patriarcal. Mas, esse processo de autonomia das mulheres exige uma ruptura de pensamentos e padrões que foram estabelecidos ao longo da história sobre as questões de gênero, onde o machismo teve e tem forte influência no imaginário social, como se destaca abaixo

Obviamente os homens gostam de ideologias machistas, sem se quer ter noção do que seja uma ideologia. Entre as mulheres, socializadas todas na ordem patriarcal de gênero, que atribui qualidades positivas aos homens e negativas, embora nem sempre, às mulheres, é pequena a proporção destas que não portam ideologias dominantes de gênero, ou seja, poucas mulheres questionam sua inferioridade social. Dessa sorte, também há um número incalculável de mulheres machistas. E o sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres. (SAFFIOTI, 2004, p. 34-35).

Saffioti (2004) avança em suas reflexões, afirmando que existe uma predominância da ideologia machista no imaginário das pessoas, inclusive no imaginário de muitas mulheres, que, sem se dar conta, terminam reproduzindo atitudes que reforçam situações de desigualdades e inferioridades em relação aos homens. Dessa forma, fica compreensível a existência da naturalização da violência contra as mulheres e submissão diante das situações cotidianas que lhes são impostas. Neste sentido, Saffioti (2004) destaca também que o machismo, apesar de beneficiar os homens, também os prejudica, com efeito, em menores proporções. Essa autora retrata as dificuldades que os homens têm de lidar com determinadas cobranças sociais, como

por exemplo, quando experimentam o desemprego por muito tempo, são tomados por um sentimento de impotência, pois necessitam estar sempre na condição superior, de provedores. Entretanto, a diferença é que os homens, ao contrário das mulheres, são estimulados a desenvolver comportamentos violentos, viris e até perigosos para demonstrar sinal de coragem e força. Já as mulheres, são ensinadas desde a infância, a desenvolver comportamentos dóceis e apaziguadores, como se refere Saffiotti, são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Dessa forma, as relações de desigualdades se acentuam e constituem fontes de conflitos.

Sobre o tema da desigualdade de gênero, neste caso, referente às vantagens do ser masculino em detrimento do feminino, outro aspecto que se destaca, se refere à falta do reconhecimento e valorização do trabalho que é exercido pelas mulheres. O trabalho doméstico é um exemplo dessa situação que ainda gera grandes debates, mas com poucos avanços. Conforme, Federici (2019, p.26), a campanha por salários para o trabalho doméstico teve início em 1972, na Itália, onde o Coletivo feminista internacional, formado por mulheres da Itália, Inglaterra, França e Estados Unidos, buscou provocar a mobilização feminista internacional, no intuito de cobrar do Estado o reconhecimento do trabalho doméstico, sendo este remunerado, já que “contribui para a produção da força de trabalho e produz capital, favorecendo a realização de qualquer outra forma de produção”.

Diante dessa marcante mobilização, pode-se perceber a luta pelo fim da naturalização do trabalho doméstico, desconstruindo a ideia de que se trata apenas de um “trabalho feminino”, e em vez de batalhar por mais trabalho, buscar exigir que as mulheres sejam pagas pelo trabalho que exercem. Dessa forma, uma das pautas defendidas nessas mobilizações é a autonomia feminina, que não se resume apenas à questão da independência em relação aos homens, mas também ao Estado e ao sistema capitalista, buscando uma reestruturação das relações de classe.

Todos esses aspectos de desigualdades ultrapassam a questão do trabalho doméstico e trazem interferências desastrosas na vida das mulheres, seja no espaço público ou privado. Daí a importância da organização e mobilização feminina, com o intuito de romper tais barreiras na busca do devido reconhecimento e valorização social diante dos diferentes papéis que executam e que vem se concretizando em experiências de protagonismo, ou seja, tendo espaços de participação ativa e de voz.

O processo de protagonismo feminino, presente nas comunidades rurais de Massaroca se expressa de diferentes maneiras. Desde o primeiro contato com as mulheres, foi perceptível que elas manifestam em suas atitudes, modos de falar e expressar opiniões, sobretudo quando se trata das suas realidades, demonstrando propriedade de causa e visão crítica, contrapondo-se aos valores dominantes, de subalternidade feminina.

Nota-se a existência de uma trajetória educativa, que tem gerado aprendizagens e condições para assumirem as diversas atividades, como: o envolvimento nas iniciativas de geração de renda, participação nas associações, e cooperativa. Existem, deste modo, diferentes experiências que indicam processos de autonomia tanto em nível individual quanto coletivo. Sobre esse processo de protagonismo das mulheres no contexto rural, Fischer (2004, p. 67), argumenta que “embora se movimentem num contexto da dominação masculina, as mulheres reivindicam seu espaço na sociedade, definindo o que consideram seus direitos, quer no trabalho, quer no lar.”

### 3.3 MULHERES RURAIS E TRABALHO

A abordagem aqui apresentada acerca das mulheres rurais se dá pela necessidade de refletir sobre qual tem sido o papel feminino no campo enquanto trabalho, como agricultora familiar. A representação das mulheres trabalhadoras rurais vem ganhando notoriedade, mas ainda enfrenta muitos entraves e sua condição de invisibilidade enquanto trabalhadora ainda é muito forte.

Quando se observa a realidade das mulheres no meio rural, pode-se perceber uma invisibilidade social diante das atividades que elas desempenham. A partir de estudos e contato com a realidade de Massaroca, se nota que essa situação pode ter relação com a naturalização dos papéis que são exercidos por homens e mulheres, reflexos da desigualdade de gênero. Percebe-se um imaginário marcado por essas desigualdades, onde se associa o ser feminino ao âmbito “da casa”, atribuindo às mulheres a responsabilidade exclusiva para o cuidado do lar e da família. Para os homens, cabe o dever do trabalho externo, produtivo. Quando as mulheres exercem essa função produtiva agrícola, não se concebe socialmente como um trabalho, apenas como uma ajuda ao marido ou à família. Assim, quando se refere à situação das mulheres rurais e o exercício do trabalho, fica notória a necessidade de compreender certos aspectos, dentre

estes, as relações de gênero, que se encontram bastante presentes, gerando desafios a serem enfrentados. Em relação a essa problemática, Fischer (2004, p.16) destaca que

Historicamente, a condição da mulher na sociedade sempre esteve associada à maternagem e ao matrimônio. Seu reconhecimento social teve, invariavelmente, como referência a casa, a família. Suas obrigações estavam associadas ao marido, aos filhos, à reprodução e ao processo de socialização familiar.

Por muitos anos, as mulheres rurais viveram no espaço privado, isoladas, realizando seus trabalhos no anonimato, sem qualquer reconhecimento. Esse foi um dos fatos que dificultou uma organização coletiva de luta e reivindicação das mulheres. No caso de Massaroca, com o surgimento das associações rurais, na década de 1980, se iniciou timidamente um movimento de aproximação entre elas. Vale destacar que nesse período histórico ocorreu um movimento crescente no país, pós regime militar, que antecede a Constituição de 1988, com a efervescência dos Movimentos Sociais, tanto na cidade quanto no campo, dentre eles, está a organização dos Sindicatos dos/as Trabalhadores/as Rurais - STR e posteriormente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Com o passar dos anos, a experiência organizativa foi ganhando forças, onde por meio de reuniões, formações e capacitações, despontou uma mudança, que gerou impactos nas suas vidas, suas famílias e comunidades. Esse processo de construção levou certo tempo, melhor dizendo, três décadas, e ainda segue em construção. Atualmente, já se nota resultados no que se refere ao posicionamento das mulheres enquanto protagonistas, pertencentes a uma proposta de mudanças de mentalidades e de intervenções nas suas realidades, construindo dessa maneira, suas próprias identidades.

Mas, ainda existem desafios a serem enfrentados e solucionados. Dentre estes, destaca-se a situação das desigualdades de gênero. São notáveis disparidades que historicamente proporcionam privilégios aos homens e opressões às mulheres. Como consequência, tal desigualdade pode ser utilizada como justificativa para a ocorrência das diversas formas de violência contra as mulheres (física, psicológica, emocional, patrimonial, verbal e outras), falta de oportunidades para formação/capacitação profissional e inserção no mercado de trabalho, além dos obstáculos para a garantia de representação nos espaços de poder e de decisão. Pôde-se, a partir da pesquisa de campo, constatar que essas disparidades ocorrem também no contexto rural de Massaroca.

Conforme Herrera (2012, p.01), tal assimetria reserva aos homens o reconhecimento público do trabalho produtivo, permanecendo obscurecido e oculto o trabalho das mulheres, que se circunscreve aos domínios privados. E, nessa circunstância, as mulheres, embora desempenhem diferentes papéis, em muitos casos com melhor desempenho que os homens, elas ainda são vistas como as responsáveis apenas pela manutenção da casa e cuidado com os/as filhos/as.

Durante a pesquisa de campo, em Massaroca, percebeu-se a existência dessa desigualdade de gênero. Existe um grande esforço diário de trabalho realizado pelas mulheres, com rotinas por vezes exaustivas, tanto no âmbito doméstico quanto nos espaços públicos. Apesar do pouco reconhecimento social sobre a atuação feminina, se nota que as mulheres trabalhadoras rurais, mesmo que de forma ainda tímida, já protagonizam um lugar de destaque nesse contexto. Isso se deve às oportunidades que elas tiveram por meio das diferentes formações que foram oferecidas pelos organismos públicos e organizações não governamentais e acessadas por elas, no que diz respeito à escolarização, capacitação profissional, acesso à terra, produção e comercialização dos produtos produzidos pela família.

As mulheres rurais do Semiárido brasileiro, incluindo a região de Massaroca, sempre contribuíram por meio de sua força de trabalho com a renda familiar, por meio das diferentes atividades do cotidiano da vida no campo, tais como: plantio de hortaliças, criação de animais, abastecimento de água, quando ainda não havia a construção de cisternas. Pensar nessa realidade de acesso à água é extremamente necessário, pois diz respeito às condições de produção e sobrevivência humana. Assim, com a chegada das cisternas nas comunidades rurais, o trabalho feminino torna-se menos penoso, já que o árduo trabalho de buscar e carregar a latada de água na cabeça era serviço diário de muitas mulheres e crianças. Por meio das cisternas, se tornou possível armazenar a água para o consumo humano, no quintal da casa, criar os animais, além do cultivo da agricultura. Surgem, portanto, oportunidades concretas de abastecimento de água, fonte de sobrevivência e sustento das famílias do campo. Em Massaroca atualmente, além das cisternas tem abastecimento de água potável, ou seja, água encanada, por meio da política pública “Água para Todos”, implementada nos primeiros governos do presidente Luís Inácio Lula da Silva e continuado do governo da ex-presidente Dilma Rousseff.

A irregularidade das chuvas é fator determinante para a busca de alternativas adequadas para a garantia de acesso à água, tanto para o consumo quanto para a produção. Dessa maneira, o surgimento das cisternas foi um grande avanço, visto que possibilitou a condição de armazenar

a água da chuva, favorecendo melhores condições e qualidade de vida para as famílias do Semiárido.

Sobre o tema “trabalho”, Federici (2019) afirma ser um fato indiscutível que, tanto nas áreas rurais, quanto urbanas, as mulheres são as agricultoras de subsistência, onde produzem a maior parte dos alimentos consumidos pela família (direta ou estendida). Por outro lado, se torna difícil mensurar essa forma de produção, porque em muitos casos, costuma ser um trabalho não remunerado e, muitas vezes, não se realiza em fazendas consideradas formais. Outro aspecto que se destaca é o fato de muitas mulheres que realizam essa atividade, não a reconhecerem como trabalho, apenas como uma cooperação para o sustento da família. Para a autora, isso se assemelha à realidade do trabalho doméstico. Assim ela se refere

Apesar de uma tentativa sistemática das potências coloniais de destruir os sistemas femininos de agricultura, as mulheres hoje constituem a maior parte dos trabalhadores agrícolas do planeta e estão na vanguarda da luta por um uso não capitalista dos recursos naturais (terra, florestas e águas). Mediante a defesa da agricultura de subsistência, o acesso comunal à terra e a oposição à expropriação da terra, as mulheres estão construindo internacionalmente o caminho para uma nova sociedade não exploradora, na qual a ameaça da fome e da devastação ecológica desaparecerá (FEDERICI, 2019, p. 277).

A partir das afirmativas de Federici (2019), fica em evidência a existência da luta das mulheres agricultoras, em defesa do uso dos recursos naturais de maneira consciente e sustentável, indo na contramão do sistema capitalista, que visa apenas a produção em longa escala, sem demonstrar preocupações com as possíveis consequências danosas que são geradas ao meio ambiente. Essa questão ficou explícita em Massaroca, durante as incursões no terreno, ou seja, no lócus da pesquisa. Hoje elas já organizam uma Feira agroecológica incentivando a produção orgânica e a comercialização direta, sem intermediação, em mais uma demonstração do protagonismo e autonomia feminina.

Para essa construção de autonomia e de luta, é fundamental considerar também o processo de comunicação, que é dialógico e possibilita encontros entre as pessoas interlocutoras que buscam respostas para suas necessidades, por exemplo, a Feira Agroecológica. A partir dessas relações, surge a unidade dialética gerando um conhecer solidário, que gera processos de autonomia para tomada de decisões.

De acordo com Freire (2013), o diálogo é um mecanismo de troca e a comunicação é posta como uma relação de reciprocidade baseada na busca do significado, sendo assim, a comunicação um instrumento dialógico para a construção do conhecimento. Para esse autor, não há, pensamento isolado na medida em que não há ser humano isolado, pois todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, que faz a mediação, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos. Dessa maneira, o mundo humano é espaço fértil para comunicação. Assim, Paulo Freire destaca ainda que: “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário” (FREIRE, 2013, p. 60).

Portanto, a comunicação sugere uma reciprocidade que não deve ser rompida. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam. E, o que se diferencia nesse processo de comunicação é o diálogo. Por essa razão, a reciprocidade é indispensável entre os sujeitos comunicantes. Do mesmo modo, o processo educativo é também processo de comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam respostas ou medidas de soluções para as suas necessidades. O movimento das reuniões do Comitê das Associações de Massaroca (CAAM), das Associações, grupos comunitários e mesmo da organização da instalação da Feira Agroecológica requer muita comunicação, o estabelecimento de interações pessoais, ou seja, muito diálogo.

A partir dessas relações criadas, surge a unidade dialética, gerando um conhecer solidário. Por essa razão, foi observado no decorrer da pesquisa como as mulheres interagem com as suas realidades locais, como percebem e exercem práticas transformadoras de libertação e autonomia humana. A tomada de consciência gera libertação, e essa não ocorre na vida das pessoas isoladas, mas através das suas relações de transformação com o mundo e com as outras pessoas. Assim, também somente aí, pode ocorrer a conscientização.

Dessa forma, a educação tem um papel fundamenta nesse processo de comunicação, por sua vez de conscientização. Ela deve ser vista como uma prática para promoção da liberdade e não uma mera transferência ou a transmissão do saber e da cultura. Ela não é a extensão de conhecimentos técnicos, nem o ato de depositar conteúdos nas pessoas ou a perpetuação dos valores de uma cultura dada. A educação deve ser sinônimo da prática da liberdade. Sendo

assim, compreende-se que valorizar o contexto semiárido, é essencial para a implementação dos processos educativos, pois dessa maneira, se constrói e se estabelece relações sociais para a transformação da realidade das mulheres do campo, do distrito de Massaroca.

#### 4 PROTAGONISMO E AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM

Esta parte da dissertação apresenta os resultados da pesquisa, com a sistematização das vivências e informações adquiridas durante o trabalho de campo. Revela os aspectos que dizem respeito ao processo de protagonismo e autonomia das mulheres trabalhadoras rurais vinculadas ao CAAM. Do mesmo modo, identifica os desafios que elas ainda necessitam enfrentar enquanto estratégia de superação das necessidades ou entraves existentes.

Também aborda as ações que são implementadas na região e que vem contribuindo para o protagonismo das mulheres, identificando suas percepções acerca dos impactos que esse processo de participação e empoderamento tem gerado nas comunidades rurais de Massaroca.

##### 4.1 PROJETOS EDUCATIVOS DIRECIONADOS ÀS MULHERES DO CAAM

A partir do contato com a realidade, verificou-se que os processos educativos vivenciados pelas mulheres em Massaroca acontecem em sua maior parte, mediante uma prática não escolar. Essas experiências geralmente são mediadas por entidades sociais governamentais e/ou não governamentais e grupos populares. Segundo Gohn (2001, p. 32 apud MOURA; ZUCHETTI, 2006 p. 230), a educação não escolar

Aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos educativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área [...]

Nota-se em Massaroca uma valorização referente aos espaços de reuniões e capacitações que são promovidas pelas associações e instituições parceiras. Nesses locais, ocorrem práticas educativas que contribuem para as mudanças e transformações tanto das mulheres, quanto das suas comunidades. Sobre o tema da educação não escolar, Gohn (2009, p.31) defende ainda que a mesma “designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades.” Desse modo, foi notável nas mulheres a existência de um posicionamento crítico, de enfrentamento às diferentes problemáticas vivenciadas no dia a dia, como o enfrentamento ao machismo por

exemplo. Foi perceptível que a participação em espaços de formações e movimentos sociais tem sido fundamental para o processo de construção de conhecimento, conforme os relatos que se seguem.

Box 1 – Relatos de Ana Lúcia e Adriana Leandra

“A partir da convivência na militância, nos movimentos sociais, me despertei. Na infância, não tinha compreensão. Mas, quando passei a participar, aprendi o que é ser mulher, saber o que é o machismo, o sistema patriarcal. E, estamos na luta, rompendo com essa situação que ainda oprime muitas mulheres”. (Ana Lucia)

“A partir da participação nos movimentos, descobri meu potencial. Tenho orgulho do meu trabalho (serviços gerais na escola). Penso em voltar a estudar. Tenho orgulho do lugar onde vivo. A mulher da roça fica muito refém dos homens. Mas, comecei a perceber isso e me impor. Depois que passei a participar dos encontros, dos movimentos sociais”. (Adriana Leandra)

Observando o relato de Ana Lúcia e de Adriana, nota-se a existência de uma compreensão sobre a condição de ser mulher, sendo as experiências de participação nos espaços de militância ambientes de destaque para a promoção de aprendizagens para elas. Vale destacar que esse despertar por vezes leva certo tempo e requer uma frequência e envolvimento nas atividades formativas que são oferecidas. A partir dessa experiência, aparecem os resultados, o olhar crítico, reflexivo e transformador sobre o que é visto e ensinado acerca das suas realidades, surgindo assim, a concretização do aprendizado. É importante observar que essas mulheres ainda não se consideram plenamente satisfeitas com as suas condições, mas demonstram a necessidade de continuar na luta, ou seja, seguir seus processos de construção do conhecimento e militância.

Essa vivência não foi um caso isolado; outras mulheres entrevistadas também expressaram a importância dessa participação para o desenvolvimento do senso crítico sobre as suas condições, tanto no espaço público como privado. Da mesma maneira, destacaram a importância da participação cidadã, buscando o reconhecimento dos seus direitos, enquanto mulheres do campo. Assim, através da participação e envolvimento nos movimentos sociais,

as mulheres “fazem uma outra leitura da realidade e criam alternativas de desempenho no espaço coletivo e na privacidade das relações familiares”. (FISCHER, 2004, p. 195).

Analisando a fala de Adriana, nota-se um potente discurso sobre o papel transformador dos movimentos sociais em sua vida. Ela faz destaque sobre a importância da aprendizagem para o seu crescimento. Observa-se primeiramente o reconhecimento e a valorização pessoal, distinguindo algumas conquistas que ela já alcançou, ter um emprego por exemplo, e outros projetos futuros como o retorno ou a continuidade aos estudos.

A compreensão sobre a participação nos movimentos sociais, segundo Molina e Jesus (2004, p. 33) é que

Quando dizemos que os movimentos sociais são educativos é exatamente compreendendo que estão provocando processos sociais que ao mesmo tempo reproduzem e transformam a cultura camponesa, ajudando a conformar um novo jeito de ser humano, um novo modo de vida no campo, uma nova compreensão da história.

Nota-se, portanto, essa experiência transformadora na fala de Adriana. Existe também em seu relato uma valorização do lugar onde vive. No decorrer da entrevista, essa mulher deixou explícito que não pretende sair da roça. Expressou que este é o melhor lugar para se viver. Outro elemento em destaque refere-se às desigualdades das relações entre os homens e as mulheres. Quando ela falava sobre as mulheres estarem na condição de reféns dos homens, explicava que ainda existem muitas companheiras na roça que sofrem diferentes formas de opressões por parte dos seus maridos, sendo este fato resultado do machismo. Porém, no seu caso, decidiu romper com essa situação opressora. E essa ruptura somente ocorreu após adquirir informações sobre seus direitos enquanto mulher. A fala da entrevistada confirma as declarações de Gohn (2009, p. 01) sobre as práticas não escolares, que conforme seu ponto de vista, o desenvolvimento do ensino e aprendizagem ocorrem por meio dos “programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais.

Dessa maneira, se constata um processo de construção do conhecimento que promove um posicionamento consciente sobre as suas realidades. Para Herrera (2014, p. 3781) o processo de participação nas organizações sociais gera “um sentimento de pertencimento, de confiança e de comunidade.” Ao mesmo tempo, são identificadas situações que ainda oprimem, exigindo delas certa resistência, pois existem problemáticas que precisam ser superadas e requer

esforços, numa ação coletiva. Retomando ainda o tema da questão formativa, vejamos os relatos do box 2.

#### Box 2 – Relatos de Jousivane e Clarice

“Cresci numa comunidade rural, tenho base familiar muito sólida. Respeito às pessoas. A escolaridade é importante, mas a vivência e abertura ao novo é fundamental.” (Jousivane)

“A educação que recebi da minha mãe foi muito importante para minha vida. Minha vida não foi fácil, mas continuo na luta”.  
(Clarice)

Para Jousivane dos Santos, que atualmente ocupa o cargo de presidência do CAAM, a sua família é referência de valores e honestidade. No decorrer da entrevista, ela falou que procura ter sempre atitudes de respeito com todas as pessoas, independentemente da idade. Quando se referia ao seu processo de aprendizagem, afirmou que a escola teve um importante papel, mas os conhecimentos que vem adquirindo ultrapassam a estrutura escolar. Para ela, isso representa ter abertura para novas descobertas.

Clarice também fez destaque para os ensinamentos que recebeu desde a infância por parte da sua genitora. Nota-se uma disposição e força de vontade para seguir seu processo de crescimento pessoal.

A maior parte das mulheres entrevistadas respondeu que atualmente não frequenta o espaço escolar. Dessas mulheres, somente Jousivane afirmou ter nível superior. Existem aquelas que expressam o desejo de “voltar a estudar” ou “fazer uma faculdade”. Essas falas indicam que há um desejo de formação no espaço formal superior. Mas, relataram que este por enquanto é apenas um anseio, pois não é oferecido no local e o deslocamento das mesmas para as instituições de ensino torna-se inviável. Apesar dessa realidade, não foi identificado um discurso vitimista, pelo contrário, foi perceptível uma valorização das aprendizagens adquiridas, mesmo que essas não tenham ocorrido nos espaços escolares.

No que se refere à educação no contexto rural, historicamente os sujeitos do campo, especialmente as mulheres, têm travado uma luta permanente. E nesse processo de luta e

reivindicações, busca-se o reconhecimento e a garantia da Educação enquanto direito e dever do Estado e por essa razão, tanto a sua oferta quanto permanência devem fazer parte das políticas de Educação do Campo, com a garantia de um projeto pedagógico que atenda às necessidades dos sujeitos que vivem no referido contexto.

Nessa trajetória histórica de luta e resistência, defender a Educação do Campo tornou-se elemento fundamental para as transformações e justiça social no contexto rural, buscando a oferta de um ensino público e de qualidade. É nesse sentido que Silva (2020, p.02) afirma que “a educação do campo, como um processo histórico, vincula-se diretamente às lutas dos trabalhadores do campo organizados na forma de movimento social”. A partir dessa experiência organizativa, o povo do campo se fortalece e denuncia em conjunto as necessidades e demandas existentes. Do mesmo modo, defende a garantia de uma identidade própria das escolas do meio rural, com intervenções pedagógicas que promovam o fortalecimento das novas formas de desenvolvimento do campo, respeitando a cultura camponesa e sobretudo o meio ambiente.

As mulheres por sua vez, vêm contribuindo efetivamente nessa luta, onde por meio das suas vivências promovem debates sobre o assunto e propõem alternativas que venham favorecer melhorias para elas e suas comunidades locais. Nessa trajetória, seguem se organizando, construindo propostas que se expressam nos trabalhos de articulações populares e sociais, como: encontros de grupos, reuniões, formações e capacitações profissionais. Constantemente defendem em suas pautas, mudanças nas relações com a natureza, preservação ambiental, justiça social e equidade nas relações de gênero.

Em Massaroca, as mulheres trabalhadoras rurais se organizam inicialmente nas próprias comunidades e com o apoio de instituições parceiras, tanto do poder público quanto da sociedade civil organizada, conseguem se articular com outros locais e grupos de mulheres que defendem as mesmas causas. Existe nesses grupos de mulheres um trabalho que promove processos de formação, organização e transformação social. Além da promoção do conhecimento, as mulheres experimentam processos de protagonismo da própria história.

Sendo assim, observando o processo de participação e envolvimento das mulheres, identifica-se a grande relevância das experiências formativas, onde através da construção do conhecimento, surge como resposta a busca pelo espaço da fala, do posicionamento, do pertencimento e da defesa das pautas que dizem respeito à equidade e valorização das funções

que executam. Esses são, portanto, exemplos de autonomia e protagonismo feminino, como apresentado na figura 8.

Figura 8 - Respostas das mulheres sobre: o que é Autonomia?



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

O cartaz acima apresenta o posicionamento das mulheres colaboradoras da pesquisa sobre o que pensam acerca da autonomia. Observa-se nas respostas uma relação das experiências cotidianas relacionadas às aprendizagens adquiridas sobre esse assunto, que é tão presente na vida de cada uma.

Mas, existem desafios que precisam ser enfrentados e superados. Um deles se refere aos direitos que foram e ainda são negados às mulheres como o devido reconhecimento social do trabalho que realizam. As mulheres trabalhadoras rurais sempre desempenharam um papel essencial de desenvolvimento sociocultural e também econômico. Além da participação efetiva nas atividades agrícolas e não agrícolas, as mulheres fazem parte dos costumes, das tradições e dos valores do povo do campo.

Tomando mais uma vez como base o contato com a realidade, observou-se que os processos educativos das mulheres trabalhadoras rurais em Massaroca se expressam por meio dos seus comportamentos, reações e dos impactos gerados em suas vidas e realidades. O modo de ser, pensar e compreender um determinado fato ou situação indica como tais experiências de ensinamentos e aprendizagens foram e/ou são experimentadas. Esses processos englobam os aspectos tanto teóricos quanto práticos, ocorridos em diferentes espaços, tanto no contexto escolar

quanto fora dele. Dessa maneira, a educação é algo que está em constante construção e em movimento na vida dessas mulheres.

Conforme Freire (2018, p. 89) “ensinar é uma especificidade humana”, sendo assim, a aprendizagem e as transformações geradas nas vidas das pessoas são decorrências dessas vivências educativas. Compete ao ser humano refletir sobre essas construções, ou seja, explorar a sua capacidade cognitiva como instrumento para a criticidade transformadora sobre suas próprias atitudes e decisões.

A pesquisa de campo nos dá a dimensão de uma ação implicada, pois a partir dela se teve a dimensão do dia a dia das mulheres, suas histórias e vivências educativas. Nessa fase de contato e aproximação com as mulheres rurais, teve-se a oportunidade de perceber a dimensão dos processos formativos em suas vidas. As aprendizagens adquiridas extrapolam a escolarização. Como se percebeu em seus relatos de vida, interligando-se em suas histórias sobre o lugar onde vivem. Percebeu-se uma forte conexão dessas mulheres com as suas origens, suas famílias, costumes e valores. Assim, buscou-se primeiramente conhecer essas histórias e suas vivências. Para Viana, (2018, p. 01)

Todas as pessoas trazem histórias de vidas carregadas de acontecimentos, experiências, desafios, arrependimentos e aprendizados, histórias essas que marcam subjetivamente as identidades e fazem os indivíduos se constituírem na política, educação, cultura dentre outras áreas. Partindo deste pressuposto, compreender e valorizar a história de vida é reconhecer o papel marcante das experiências ao longo da vida humana e, por conseguinte, compreender que as histórias de vida possuem um valor significativo para a aprendizagem dos indivíduos.

Procurou-se realizar com muita cautela e atenção o exercício de escuta com cada entrevistada, que compartilhou sua história e aprendizagens. Foram relatos sobre diferentes situações que já experimentaram e que consideraram importantes para construção enquanto mulheres, filhas, mães, cidadãs, trabalhadoras. Surgiram depoimentos que demonstram resiliência, força de vontade e muita coragem para enfrentar os desafios desde a infância, como pode-se perceber no relato 3.

## Box 3 – Relato de Clarice

“Me criei aqui; cheguei com 9 anos de idade. Éramos sete irmãos e naquele tempo tudo era muito difícil. Cresci trabalhando com a criação de bode, na roça (quando chovia). Ajudei meus tios com a criação de animais, catava umbu. Mas tudo muito barato! Quando fiz 15 anos, fui morar em Salvador e aprendi a viver no mundo (pagar contas, andar pela cidade...). Casei com 20 anos. Mas, precisava cuidar das minhas irmãs”.

O relato de Clarice traz um breve resumo da sua história, externando alguns desafios que ela necessitou enfrentar e superar. Enquanto relatava, expressava no olhar o orgulho por ter conseguido cumprir cada função que a vida na roça lhe exigia: cuidar dos irmãos pequenos, cuidar dos animais, trabalhar na roça (quando chovia), coletar umbu e receber pagamento (mesmo sendo pouco) sinalizando para ela a recompensa do seu labor diário, ainda na adolescência. Fica visível em sua fala a realização de inúmeras tarefas, atribuindo-lhe grandes responsabilidades. Para Herrera (2016, p.228), as mulheres rurais “têm papel fundamental no que concerne à manutenção e reprodução social da agricultura familiar, uma vez que as suas atividades cotidianas estão relacionadas integralmente às suas famílias e a seus estabelecimentos agrícolas.” Na história de vida de Clarice essas atividades sempre estiveram e continuam presentes. Observa-se também em seu relato alguns desafios enfrentados na cidade (capital), onde morou por um determinado tempo. Para ela, viver no espaço urbano foi uma grande experiência, mas decidiu voltar para o campo, lugar onde vive atualmente.

Surgiram ainda outros relatos referentes às histórias de vida, onde o tema trabalho esteve sempre presente. Esse fato evidenciou o grande esforço diário de cada mulher para cumprir as diferentes atividades que lhes são atribuídas, como se observa no relato 4.

#### Box 4 – Relato de Yolanda

“Sou uma pessoa que já trabalhei muito. Tudo na minha casa quem toma a frente sou eu. Mas, já não trabalho mais como antes. Já fui presidente de associação (Associação comunitária de Lagoinha), por dois mandatos. No primeiro mandato, foi mais difícil. Depois foi mais tranquilo. No meu mandato, conseguimos um cemitério. Isso foi uma conquista para a comunidade”.

Analisando o relato de Yolanda, nota-se que existem experiências acumuladas de liderança na sua história de vida, especialmente no seu grupo de convívio local, que se expande em vivências externas, mencionando que já foi presidente da associação em sua comunidade por duas vezes. Ao fazer o comparativo entre o primeiro e segundo mandato na presidência, ela explicou que no primeiro teve grandes dificuldades pela falta de experiência na época. Disse também que liderar pessoas não é uma tarefa fácil e precisou aprender a lidar com as relações interpessoais. Assim, no seu segundo mandato foi mais tranquilo. Fez questão de destacar que uma das grandes conquistas do seu mandato foi a chegada do cemitério na comunidade.

Assim como as demais entrevistadas, Yolanda expressou a sensação pessoal de autovalorização do seu trabalho diário e o autorreconhecimento acerca do seu crescimento pessoal a partir das experiências enquanto liderança local, graças ao processo de aprendizagem gerado por meio da participação nos espaços organizativos, como a associação comunitária. Sobre essa questão, Sales (2007, p. 442) explana que a participação das mulheres rurais “tem suscitado novos processos e reflexões sobre sua própria situação e aquilo que se passa em torno delas.”

Apesar da autovalorização que possuem sobre o seu labor diário, no decorrer da conversa foi perceptível que ainda existe uma necessidade de reconhecimento social acerca do trabalho que é exercido pelas mulheres do campo. Conforme Faria (2009, apud HERRERA, p. 01, 2012), “a jornada cotidiana da mulher no meio rural é subestimada pela sociedade, uma vez que muitas das atividades exercidas por elas não se enquadram nas categorias aceitas e reconhecidas formalmente pela sociedade em torno do conceito de trabalho”. No relato 06, Marizete Carolina vai retratar também um pouco sobre a sua rotina diária, observado no box 5.

### Box 5 – Relato de Marizete Carolina

“É um pouco corrida! Preciso dar conta da minha casa, cuidar da minha mãe, sou tesoureira da cooperativa (COOFAMA). Presto serviço voluntário na embalagem dos ovos. Sou presidente da Associação de Canoa e Oliveira. Além disso, faço parte da igreja católica e participo do Projeto das Irmãs do Bom Pastor. Também sou vice-presidente do CAAM e participo da comissão da Feira Agroecológica. Tenho 1 filho (9 anos). Tenho galinheiro e horta em casa.

O relato de Marizete Carolina transmite uma rotina de diferentes afazeres diários. Embora sua fala inicie afirmando que é “pouco corrida”, no decorrer do discurso, ela demonstra que existe certa sobrecarga de tarefas que necessita cumprir, tanto no espaço doméstico, como fora dele. Existe um potencial e força de vontade para cumprir cada atividade, mas, ao mesmo tempo, tal acúmulo de serviços externam também o excesso de trabalho que podem acarretar no esgotamento físico, mental e emocional, prejudicando a sua qualidade de vida. Cruz (2010, p.07) problematiza o tema da sobrecarga de trabalho das mulheres versus participação na militância, ressaltando que

A sobrecarga de trabalho geralmente deixa as mulheres sem tempo para a participação e, muito menos, para a militância em movimentos e partidos políticos. Esta situação se mostra injusta, pois enquanto os homens que vão para a política têm uma retaguarda doméstico-familiar, com alguém que “cuida” deste âmbito para que eles participem livremente, para as mulheres, se quiserem participar, têm geralmente que assumir uma sobrecarga de trabalho.

As declarações dessa autora corroboram para a compreensão acerca dos desafios que tanto Marizete como as demais mulheres entrevistadas enfrentam cotidianamente, buscando garantir a realização de todas as atividades, tanto no âmbito doméstico, quanto externos, incluindo os compromissos nos espaços organizativos e de militância. Com essa sobrecarga, o cansaço torna-se também bastante presente. Nesta mesma linha seguem os relatos do box 6.

Box 6 – Relatos de Ivoneide e Ivone Carmelita

“Muito trabalho! Trabalho na roça, cuidado dos bichos (cabra e ovelha); trabalho também na fábrica de doces (leite). A gente planta de tudo! Limão, mamão, laranja, goiaba.” (Ivoneide)

“Dona de casa, da roça, faço todos os serviços que precisar na roça: plantar, colher, capinar...tenho quatro filhos.” (Ivone Carmelita).

Assim como esses relatos, foram identificadas respostas semelhantes no que se refere às diferentes tarefas que as mulheres entrevistadas costumam desenvolver cotidianamente. Apesar de todo excesso de trabalho, novamente foi verificado que as mulheres não se vitimizavam ou se queixavam. Pelo contrário, se expressavam com muita intrepidez e coragem. Se sentiam valorizadas por desempenhar todas essas tarefas. Outra mulher relatou que: “Faço de tudo um pouco. Sempre morei aqui e batalho para conquistar as minhas coisas. Crio galinha. Quando chove, planto na roça. Tenho uma filha”. (Edineide da Silva Neres). Além de Edineide, nota-se que boa parte das entrevistadas vem investindo na criação de galinhas. Essa tem sido uma alternativa de geração de renda na região. Existe também o cultivo de hortaliças. Sobre a questão da agricultura em maior escala, segundo seu ponto de vista, é algo que ainda depende da ocorrência das chuvas, mesmo com a chegada das cisternas.

Uma outra mulher falou também que gosta e se interessa de participar dos eventos que são promovidos pelas associações e CAAM, como as reuniões e os encontros formativos. Ela também compartilhou sobre uma iniciativa de geração de renda que vem experimentando. “Tenho horta orgânica; comercializo coentro, rúcula, cenoura, beterraba. Também vendo produtos de cama, mesa e banho.” (Maraíza Morgado Alves). Outro relato que chamou atenção foi da entrevistada Jaqueline da Silva e Silva. Ela destacou que “a vida da mulher é muito difícil. Muitas pessoas acham que a mulher deve ser apenas “do lar”. Mas, todos têm o mesmo direito, de ter um trabalho, outras oportunidades”. Analisando essas vivências, identifica-se um posicionamento politizado quando se trata da situação das mulheres trabalhadoras rurais. Durante a sua fala, ela não menosprezou o trabalho das mulheres, pelo contrário, reconheceu que muitas mulheres estão mais engajadas nas iniciativas de geração de renda e com maior

envolvimento e participação no Comitê. Mas, destacou que a questão da garantia de direitos deve ser para todas as pessoas, inclusive as mulheres trabalhadoras rurais.

A questão do acúmulo de atividades que necessitam cumprir cotidianamente foi uma questão que chamou atenção. Além dos serviços domésticos, que ainda permanecem sob a responsabilidade feminina, existem os serviços externos que precisam desempenhar. Analisando atentamente cada fala, o labor diário é o cerne, fator que ao mesmo tempo pode ser interpretado como uma conquista pessoal no sentido de apresentar a atuação feminina no campo, pode ser também um sério problema, pois suas vidas se resumem à exaustão do trabalho, que por vezes é invisível socialmente, sem o merecido reconhecimento. Conforme Ramos (2014, p. 36)

É sabido que a mulher brasileira tem batalhado ao longo de toda nossa história para conseguir seu espaço, mesmo vivendo em uma sociedade ainda paternalista, preconceituosa e discriminatória. Sendo assim, as péssimas condições de vida e de acesso a políticas públicas, notadamente nas regiões mais desprovidas do país, enraízam ainda mais as desigualdades específicas de gênero. As dessemelhanças de gênero na zona rural brasileira se inscrevem num conjugado de outras desigualdades sociais, que são consideradas por vezes pela sociedade irrelevantes, no que tange à vida cotidiana das mulheres.

Apesar de toda dificuldade vivenciada pelas mulheres do campo ao longo da história, foi perceptível um movimento que aponta para o reconhecimento do trabalho que executam. E, graças a essas iniciativas das próprias mulheres trabalhadoras rurais, com o apoio de alguns homens e instituições parceiras, tal realidade vem mudando. No entanto, mais do que o reconhecimento, é necessário um equilíbrio dessas tarefas que já foram mencionadas. Isso também exige grandes esforços para uma organização coletiva e propositiva. Assim, elas seguem no engajamento dos espaços comunitários, conforme foi visto nos relatos apresentados, tais como: participação nas secretarias, presidências/diretorias das associações, cooperativas, comissões para realizações de eventos e outros. Esses são alguns dos exemplos que demonstram um envolvimento direto das mulheres, como protagonistas de um processo histórico da luta feminina.

Sobre a participação nas atividades das Associações comunitárias, do CAAM e/ou da ERUM, novos relatos demonstram que além da participação, existe um envolvimento efetivo feminino nesses espaços. Os relatos demonstram esse fato, apresentados no box 7.

### Box 7 – Relatos de Jousivane e Jaqueline

“Sou muito ativa, desde criança! Procuo ver o mundo de outra forma. Hoje estou na presidência do CAAM. Temos flexibilidade para todas as pessoas participar, independente da idade. Esses momentos são de muito aprendizado. Não existe o dono/dona do saber”. (Jousivane)

“Sou vice presidente a Associação Comunitária da Lagoa do Jacaré. Ajudo a presidente, participo das reuniões. Tenho um bebê de quatro meses. Quando a presidente da Associação não consegue participar das reuniões do CAAM, eu vou representar.” (Jaqueline)

Esses relatos expressam compromisso, dedicação e a seriedade com a participação nas atividades do CAAM. Por outro lado, o fato de as mulheres assumirem funções de liderança termina por vezes exigindo das mesmas, empenho dobrado, que implica em cobranças constantes sobre seus desempenhos de gestão.

Analisando as falas, existe uma busca constante por melhorias, fortalecimento e expansão das experiências comunitárias na região. As mulheres não se intimidam com as limitações ou obstáculos do dia a dia. Estão sempre dispostas a ajudar, apoiar umas às outras e buscar medidas de soluções em conjunto. O relato de Ana Lúcia, confirma essa questão, quando diz que: “Contribuo na participação das reuniões, mobilizações, mutirões (construções, limpeza do espaço para feira do caprino, capinar a roça de uso coletivo, construção do galinheiro...)”

De maneira unânime, todas as entrevistadas, reconheceram que participam efetivamente das atividades e eventos que são realizados por meio do Comitê. Em alguns relatos é notório que algumas mulheres têm certa preocupação sobre suas participações, em virtude do acúmulo de trabalho. “Acho que minha participação é boa. Apesar da correria, procuro fazer tudo com dedicação”. (Marizete Carolina da Silva). Outra mulher relata que “agora estou participando mais na Associação, depois que os filhos cresceram. Sou animadora nos eventos da igreja católica. Também participo das reuniões”. (Ivone Carmelita da Silva Neres).

Conforme esses relatos existe um considerável envolvimento das mulheres nos espaços organizativos. Elas seguem assumindo funções de lideranças nas diferentes associações espalhadas pelas comunidades rurais. Estão ocupando espaços nas presidências, secretarias, tesourarias. Do mesmo modo, se envolvem nos mutirões para realização de determinados eventos, como a Feira de Caprino, um evento que tem o objetivo de divulgar e comercializar produtos da Caprinovinocultura, fonte de renda para produtoras e produtores rurais, geralmente com exposição de animais, cursos, palestras e apresentações culturais. Algumas mulheres participam também das exposições. “Sou bem ativa. Participo de todos os espaços, das reuniões. Faço exposição das minhas criações de bode nas feiras. Tenho envolvimento nas atividades de geração de renda.” (Yolanda Nunes da Silva). Elas também têm grande envolvimento na organização das barracas, com a comercialização de comidas, bebidas e outros produtos durante a realização da feira, além de todo o suporte preparatório do evento que mobiliza e atrai muitas pessoas ao distrito no período em que é realizado o evento.

Surgiram ainda relatos de mulheres sobre a participação em eventos da igreja católica (grupos de orações, missas). “Sou muito útil; ajudo nas atividades da Associação da Fazenda Cipó, que também faz parte do CAAM. Participo das reuniões, formações, missas.” (Ivoneide Batista da Silva). Existe nessas mulheres, uma valorização da espiritualidade, das suas vivências de fé. Todos os exemplos de participações das mulheres são indicadores de uma atuação que favorece crescimentos tanto pessoais quanto coletivos, que vem se consolidando nos últimos anos na região de Massaroca.

Segundo Sales, (2007, p. 438) “a inserção das mulheres rurais no campo político (sindicatos, associações, movimentos sociais, partidos políticos) tem possibilitado um aprendizado coletivo”. A partir dessas iniciativas de organização, surgem reflexões e pautas comuns sobre as suas condições locais, enquanto mulheres trabalhadoras rurais. Dessa maneira, o processo de organização popular das mulheres vai criando forma, favorecendo o processo de protagonismo tanto individual quanto coletivo.

#### 4.2 EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES

Com relação às aprendizagens adquiridas nos espaços escolares, destaca-se a Escola Rural de Massaroca (ERUM), considerada como uma grande conquista para o Distrito de Massaroca.

Conforme a opinião das mulheres participantes da pesquisa, essa escola é resultado de uma mobilização popular organizada que buscou junto ao poder público uma proposta educativa diferenciada, que atendesse ao contexto do campo.

O campo possui uma identidade própria. Nele habitam pessoas que têm uma história de vida e por meio das suas condições de existência, contribuem para o seu desenvolvimento econômico, político, cultural e social. Dessa forma, a proposta da educação do campo deve considerar essa identidade. Assim, a existência da ERUM se dá por esses fatores. É uma escola do campo, idealizada desde o princípio pelo povo. É uma instituição que tem o compromisso político e pedagógico para o desenvolvimento educativo dos seus estudantes, baseado no diálogo com a própria comunidade, com o intuito de oferecer melhores condições para o enfrentamento das necessidades, sobretudo educativas, considerando e valorizando as particularidades locais em seu currículo, como pode ser observado nos relatos a seguir.

#### Box 8 – Relatos de Ana Lúcia e Jousivane

“A ERUM representa tudo o que sou hoje. Valores, a responsabilidade... É uma escola que tem a nossa cara e representa a nossa realidade. Tenho receio das novas gerações não terem a mesma oportunidade que eu tive. O futuro é incerto...poucas crianças estão nascendo, pouca quantidade de alunos na escola...Temos professores preparados, que conhecem a nossa região”. (Ana Lúcia)

“A ERUM é uma escola que dá horizontes! Preza muito pela realidade da família. Gera um impacto na vida das pessoas. Tem um significado muito importante. O desenvolvimento das comunidades partiu da ERUM; grande parte dos técnicos agrícolas da região é resultado da ERUM. Os jovens estão permanecendo no lugar, mesmo depois de terem suas formações profissionais”. (Jousivane)

Pode-se identificar a concordância na fala das mulheres com relação à valorização da Escola Rural. Ao mesmo tempo que existem mulheres que reconhecem a formação e preparo do corpo

docente da escola, existem também outras que defendem a importância de se ter professores/as do próprio lugar por acreditar que dessa maneira a identidade local será priorizada nos processos educativos. “A escola representa os melhores sonhos que temos na vida. Aqui, no meio do mato, podemos ter pessoas formadas, graças a ERUM! Queremos uma faculdade aqui e já estamos buscando isso”. (Adriana Leandra da Silva). O relato dessa mulher sobre a instituição escolar deixa clara a importância que os habitantes atribuem à ERUM como sendo esta uma das grandes conquistas adquiridas para as comunidades rurais, em Massaroca. No entanto, expressa certa insatisfação com relação à oferta da educação local, pois acredita ser importante o oferecimento do ensino superior no campo. Justificou que a maior parte dos estudantes quando terminam o ensino médio, não tem condições para deslocar-se aos centros urbanos para ingressar numa faculdade. Esse assunto vem sendo discutido no Comitê.

A maior parte das mulheres entrevistadas foram alunas da ERUM e reconhecem a grande contribuição formativa que receberam. “Foi lá que aprendi todos os meus princípios e a valorizar nossa cultura. A ERUM faz um importante papel de resgate e valorização da nossa história e cultura.” (Marizete Carolina da Silva). Algumas não estudaram, mas seus filhos foram ou são alunos/as, mantendo dessa forma um vínculo com a instituição escolar. “Muitas pessoas já estudaram lá. Eu não estudei lá, mas minha filha fez um curso de Agropecuária. É importante e dá oportunidade para os jovens se capacitarem.” (Ivoneide Batista da Silva). Existem também aquelas que participaram de cursos técnicos voltados para a realidade rural como a agropecuária, e agroecologia. Se nota uma estima especial do ensino, fator que demonstra confiança e credibilidade por parte da comunidade. “Foi bom! Estudei um pouco lá! Fiz também um curso de Agroecologia.” (Edineide da Silva Neres).

As mulheres têm uma profunda compreensão em relação a Escola Rural ser instalada no próprio distrito, ou seja, ser do campo e estar no campo. Assim, pode-se dizer que a ERUM representa mais que um espaço escolar. Ela é uma conquista do povo para o povo. Molina e Jesus (2004, p.24) consideram que

A Educação do Campo tem um vínculo de origem com as lutas sociais camponesas. Pensa a educação dos sujeitos do campo desde o vínculo com a luta pelos direitos das mulheres camponesas, com a luta pela Reforma Agrária e por um projeto camponês de desenvolvimento do campo, com a luta pela democratização do acesso a água; com a luta das crianças pelo seu direito a infância. A Educação do Campo não precisa e nem deve ser um projeto de educação apenas dos camponeses nem apenas de quem participa de lutas sociais; mas este vínculo lhe confere um traço de identidade importante e que não pode ser perdido.

A Educação do Campo é um direito assegurado por lei. Conforme decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, deve ser destinada à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, sendo desenvolvida pela União em colaboração com os Estados, Distrito Federal e Municípios.

Portanto, não se trata de um favor ou caridade, mas de uma política pública que deve ser assegurada, conforme seus princípios, como o “respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia.” Resume tudo isso na síntese desse relato: “A ERUM representa tudo! É um sonho realizado para muita gente. A ERUM tem um ensino diferenciado e está localizada na comunidade e isso passa mais segurança.” (Eliene Nunes da Silva Barbosa).

Sobre as vivências não escolares, conforme já mencionado, os processos educativos vivenciados pelas mulheres ocorrem em sua maior parte nos espaços fora do ambiente de sala de aula. Elas externam diferentes exemplos de participação, desde as atividades impulsionadas pelo CAAM, como: reuniões, capacitações, formações e iniciativas para geração de renda. Da mesma maneira se envolvem nas mobilizações locais, em suas comunidades, consolidando dessa maneira ações coletivas, que valorizam o engajamento de todos os sujeitos. As experiências não escolares, conforme Gohn, (2009, p.04) promovem “a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos.” Nota-se nesse processo uma formação política e de cidadania, sendo os espaços formativos espaços essenciais, tanto para o desenvolvimento das habilidades, quanto para a melhoria da qualidade de vida das mulheres e seus entornos.

#### 4.3 PROCESSOS EDUCATIVOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O PROTAGONISMO E AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM

Na realidade no Distrito de Massaroca, um dos aspectos em destaque se refere às mudanças que ocorreram nos últimos anos, especialmente sobre os processos de aprendizagens e envolvimento das mulheres. Durante a realização de uma visita, uma mulher trabalhadora rural fez a memória da seca vivenciada na década de 1990, especificamente em 1993. De acordo com sua narrativa, uma das piores enfrentadas nos últimos anos, ou seja, na última década do século XX. Ela relatou que na época, faltava água até para beber. Todas as famílias passavam por

sérias necessidades básicas de sobrevivência. Mas, a partir das reuniões nas associações e organizações coletivas, houve o despertar crítico das pessoas, dando origem às mobilizações sociais. Assim, surgiram projetos governamentais e não governamentais, que resultaram no acesso à água e energia elétrica para as comunidades. Desse modo, a situação começou a mudar. “Com a chegada da luz e da água, passamos a ter melhores condições de vida. Hoje, já temos acesso até à internet” (Jousivane dos Santos Silva). A partir daí, as experiências organizativas e de produção também tiveram seus avanços. Vale considerar também o acesso aos benefícios sociais (BPC, Bolsa Família, aposentadoria rural) por meio da transferência de renda que contribuiu para melhoria das condições de vida das famílias que vivem na região de Massaroca.

Todo esse processo de organização social oportunizou o acesso aos projetos que vem beneficiando as comunidades rurais locais, como o acesso à água e energia elétrica. Vale ressaltar que desde o seu início, essas mobilizações tiveram a participação e o envolvimento das mulheres, mesmo antes de assumirem os espaços de poder e decisão. Assim, as contribuições das mulheres trabalhadoras rurais para a melhoria da região de Massaroca é algo considerado potente e as experiências de autonomia e protagonismo das mesmas tem sido crescente no lugar.

Percebeu-se que foi a partir das capacitações recebidas que as alternativas de geração de renda foram aprimoradas, ou seja, mais adequadas às condições locais, como a criação de bode, produção de ovos e outros produtos da agricultura familiar. Essas formações e capacitações seguem ocorrendo, pois conforme relatos das mulheres e demais produtores rurais, a criação de caprinos e ovinos por exemplo, permanece sendo um meio de produção e geração de renda local, mas apresenta certas necessidades de mudanças e adaptações para atender à realidade produtiva atual.

As 13 (treze) mulheres entrevistadas relataram suas vivências, com destaque para as atividades que consideram de maior relevância partindo das suas conquistas pessoais. Essas conquistas, no primeiro momento, são para atender às necessidades individuais e se estendendo para as experiências coletivas. A maior parte das atividades acontecem nos grupos comunitários em que elas participam. Os espaços de reuniões, cursos e formações se destacam nas suas falas. Ficou perceptível que dentre os distintos benefícios adquiridos pelas mulheres, foram

visualizadas duas fases: a primeira se refere à preparação. Aquela voltada para o ensino<sup>8</sup>, onde adquirem informações, aprendem e se qualificam para desenvolver suas atividades produtivas de acordo com os seus interesses e/ou necessidades. Já a segunda fase está voltada para as experiências concretas de geração de renda. Nesse momento, as mulheres já apresentam certos resultados dos conhecimentos que adquiriram e que já conseguem colocar em prática. É importante destacar que essas duas fases não se encontram isoladas, elas se interrelacionam. Dessa maneira, em certos momentos as falas das mulheres se misturam entre formação e trabalho. Isso por que a formação é algo contínuo, que requer constantes aprimoramentos para a melhoria dos seus resultados, que não se reduzem ao labor diário, mas que tem considerável influência na vida dessas mulheres, suas maneiras de pensar e compreender o seu lugar no mundo, partindo do ambiente onde vivem.

Sobre o tema capacitação e formação, Fischer (2004, p. 176) considera também que

A participação em cursos de capacitação e de qualificação técnica, assim como nos encontros de formação e mobilização política, contribui para que as mulheres desenvolvam um posicionamento crítico, principalmente do ponto de vista econômico, em relação ao seu trabalho.

Em Massaroca, fica notório que por meio dessas experiências, as mulheres aprendem e logo buscam colocar em prática esse aprendizado, criando suas próprias atividades produtivas, seja de maneira individual ou coletiva. Observa-se ainda que nesse processo, formação e trabalho se fundem, se constituindo a partir da práxis.

Na primeira fase, se destacam as reuniões e capacitações, que são realizadas pelas associações e pelo CAAM. Algumas temáticas sobressaem, como: agroecologia, culinária, empreendedorismo, geração de renda. A partir dessas experiências, surgem desdobramentos distintos, de acordo com a experiência de cada mulher, conforme pode-se observar em alguns relatos. “As atividades mais importantes para a minha formação foram os intercâmbios, as reuniões, dias de campo com assessoria técnica e as experiências de aprendizagens de grupos”. (Ana Lúcia Santos da Silva). Observa-se no relato dessa mulher que a sua participação nos espaços públicos lhe proporcionou mudança de mentalidade, conseqüentemente lhe

---

<sup>8</sup> Se refere às vivências de uma prática educativa contextualizada com as suas realidades, geralmente por meio de encontros de formação, oficinas e/ou cursos de capacitação para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades para lidar com o contexto em que vive, nesse caso, o Campo. A partir das aprendizagens adquiridas as mulheres passam a desenvolver processos de autonomia e empoderamento.

proporcionou empoderamento. Para ela os encontros, a participação nos grupos ajuda e dá forças para que as comunidades se fortaleçam e se unam diante das lutas diárias que enfrentam, buscando acessar políticas públicas que venham beneficiar as comunidades rurais onde vivem.

Existe uma relação de horizontalidade onde todas ensinam e aprendem, seja nos espaços de reuniões locais ou em eventos de intercâmbio. A partir dos contatos com outras lideranças, somam forças, reconhecendo que existem em outras localidades e regiões lutas semelhantes, de enfrentamento às situações de opressão que ainda se encontram presentes nas realidades das mulheres trabalhadoras rurais. Por essa razão, os espaços dos encontros são ambientes favoráveis para a aproximação, criação e fortalecimento de vínculos. Além desses espaços de grupos, o contexto familiar é também considerado por elas como um lugar de aprendizagem.

O ambiente familiar é outro espaço bastante valorizado pelas mulheres. É na família que os sujeitos têm suas primeiras experiências de convívio social, adquirindo as primeiras orientações e comandos, ainda na infância. A família tem uma função de suma importância na formação dos valores, da personalidade e do caráter das pessoas. “O primeiro ensino que recebi foi em casa. Sou doméstica desde os 7 anos.” (Eliene Nunes da Silva Barbosa). No contexto rural, as mulheres aprendem desde a infância a lidar com as tarefas domésticas. Essa mulher explicou que quando ainda era criança, seus pais saíam muito cedo para trabalhar na roça. Ela ficava com a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos e dos serviços da casa, incluindo o almoço, que era levado para os seus genitores todos os dias.

Assim, elas crescem geralmente numa cultura alicerçada no machismo desde o ambiente familiar, sendo perceptível o não protagonismo das crianças, especialmente das meninas, onde no imaginário de muitas pessoas, estão predestinadas para o cuidado da casa, adquirindo para si toda a sobrecarga dos afazeres domésticos. Mas, algumas conseguem romper esse ciclo, especialmente quando passam a adquirir informações sobre seus direitos e deveres enquanto mulheres e cidadãs. Dentre as atividades formativas que contribuem nesse processo de ruptura e construção, elas destacam alguns exemplos, como apresentado no box 9.

### Box 9 – Relatos de Marizete e Maraíza

“As atividades oferecidas pelas Irmãs do Bom Pastor (encontros com a psicóloga, apoio nas iniciativas de geração de renda, formações voltadas para o empoderamento das mulheres). A cooperativa contribuiu para o meu empoderamento”. (Marizete)

“Hoje temos o projeto do galinheiro, da horta econômica e as Irmãs do Bom Pastor como exemplos de iniciativas, de apoio às mulheres.” (Maraíza)

No relato de Marizete Carolina, são identificados três exemplos de suportes que tiveram e tem função primordial para o seu processo de crescimento pessoal. O primeiro é o apoio psicológico, onde a entrevistada verbalizou que os encontros de grupo com a psicóloga foram muito importantes, pois, por meio desses, teve o espaço para compartilhar seus sentimentos e reações diante dos acontecimentos e labuta diária. Foi um espaço para desabafar suas angústias, sabendo que naquele momento teria o auxílio de uma profissional para lhe orientar de maneira ética, segura e respeitosa. O segundo exemplo se refere ao apoio às iniciativas de geração de renda. Ela enfatizou que o projeto “Empoderamento Econômico das Mulheres Trabalhadoras Rurais” tem sido uma oportunidade de incentivo para o trabalho e autonomia das mulheres. Assim como Marizete Carolina, Maraíza também menciona exemplos de geração de renda que algumas mulheres vêm experimentando, gerando impactos positivos nas suas condições de vida. Por fim, o terceiro exemplo diz respeito aos momentos de reuniões e/ou formações sobre alguma temática de interesse do próprio grupo. Sobre essa atividade, a pesquisadora foi convidada para mediar um encontro, sendo trabalhado o tema “Processos de autonomia feminina”.

No encontro percebeu-se um grupo coeso, com uma relação de amizade e respeito. Apreendeu-se também que as mulheres atribuem uma valorização ao Projeto e o reconhecimento do trabalho socioeducativo que vem sendo realizado pelas Irmãs do Bom Pastor na região. Além dessa congregação religiosa, existem outras instituições que também oferecem suporte às mulheres, nos processos formativos. “Sempre que tem a Feira do bode, vem uma pessoa, Taís, nos ensinar como aproveitar os produtos que temos no local para alimentação, para produzir e vender. Já aprendi a fazer pizza de palma, hambúrguer da carne de bode” (Eliene Nunes da Silva Barbosa). Esse comentário surgiu durante uma conversa informal, onde o assunto se referia às capacitações recebidas nos últimos anos na região. Eliene destacou a importância do

incentivo que recebem das instituições parceiras por meios das capacitações. Assim, exemplificou a aprendizagem adquirida sobre a utilização dos recursos naturais da região, como estratégia do aproveitamento da biodiversidade e manejo dos recursos naturais da caatinga.

Conforme informações das próprias mulheres, nos últimos anos foram oferecidos diferentes cursos de capacitação nas áreas da Agroecologia, Informática e Agropecuária. E a partir dessas formações, aprenderam a ter maior compreensão sobre os cuidados ambientais, manejos com o cultivo das hortaliças e criação dos animais.

Diante do relato de cada mulher participante da pesquisa, constatou-se que os processos formativos apresentam resultados diferentes nas suas vidas. Por vezes, tocam também no campo da subjetividade, onde nem sempre é fácil mensurar seus impactos. Ao mesmo tempo, fica em evidência o quanto se sentem valorizadas, com a autoestima elevada. Algumas, enquanto compartilhavam essas experiências, expressavam um brilho no olhar e muito orgulho pelas oportunidades que já tiveram para participar de encontros locais e também fora, em outros municípios.

A Escola Rural de Massaroca mais uma vez apareceu como referência educativa para as mulheres. Para elas, a ERUM contribuiu muito para a autonomia e protagonismo feminino. A escola se apresenta como uma grande conquista para toda a região de Massaroca. Todas as mulheres mencionavam a Escola com afetividade e vínculo, sendo essa quem promove a valorização da região. Referem-se à ERUM com pertencimento.

Por meio da ERUM surgiram lideranças femininas, que atualmente participam das diferentes associações. Para elas, a metodologia de ensino da escola tem mostrado que as mulheres (alunas) foram e continuam sendo despertadas para perceber o potencial que têm. A partir dos ensinamentos, as educandas aprendem e se fortalecem. Sendo assim, a instituição oferece uma educação que dialoga com a realidade local, com uma experiência pedagógica diferenciada.

Apresentaram ainda outros resultados advindos da ERUM. “A educação, as formações, a busca por oportunidades para trabalhar (chegada das cisternas, galinheiro, hortaliças...) A feira da agroecologia, com a grande participação das mulheres” (Jousivane dos Santos Silva). Para Jousivane, a concretização das atividades produtivas, seja por meio do galinheiro ou produção das hortaliças é o resultado de um grande esforço formativo e preparação que tiveram nos

últimos anos. A Feira Agroecológica é mais uma conquista de geração de renda que vem se firmando na região, despontando o protagonismo feminino.

Outra atividade mencionada por algumas mulheres oferecida na ERUM foi o “Estudo da Realidade”. Foi perceptível que essa ação promove uma intervenção da Escola além dos seus espaços físicos. É o momento em que a ERUM se dirige aos locais da própria comunidade, promovendo espaços de aproximação com o povo. Uma mulher expressou que “através do Estudo da Realidade, as mulheres passam a ter acesso às diferentes informações do lugar. Passam a compreender melhor os seus contextos”. (Yolanda Nunes da Silva).

Perante essas falas, se configuram os impactos gerados pelo ensino na ERUM, que ultrapassam os muros da escola. Pode-se notar que no decorrer dos anos, surgiram diferentes benefícios nas comunidades rurais de Massaroca e isso é fruto de processos educativos que lá ocorreram. Pode-se deduzir que a Educação Contextualizada, de fato, que vem sendo praticada na ERUM se propaga entre as famílias, beneficiando principalmente as mulheres. As narrativas das mulheres entrevistadas sinalizam que a escola valoriza o chão dos sujeitos da educação, suas identidades culturais locais, com uma pedagogia de experimentação das teorias e práticas de ensino-aprendizagem. Isso converge para o pensamento de Molina e Jesus (2004, p. 64) quando diz que “a Educação do Campo pensa o campo e sua gente, seu modo de vida, de organização do trabalho e do espaço geográfico, de sua organização política e de suas identidades culturais, suas festas e seus conflitos”. E por considerar as particularidades locais das comunidades, surge a conexão dos saberes das pessoas com a proposta do currículo escolar, que se pode dizer: ensino contextualizado.

No que diz respeito à proposta de um ensino contextualizado, Araújo e Silva (2016, p. 464) argumentam que

Os diferentes espaços nos quais as escolas se fazem presente demandam uma educação que além de contemplar temáticas oficiais, priorize a rica cultura existente nestes espaços e que também promova oportunidades de construção do conhecimento sobre um viés que coloque os sujeitos enquanto atores sociais.

Assim, o processo de aprendizagem faz sentido para a vida de todos/as envolvidos/as, como foi exposto nas narrativas das mulheres ao exemplificarem o estudo da realidade, a criação do galinheiro e o cultivo das hortaliças.

Além do processo de escolarização, as mulheres destacam também a participação nos ambientes não escolarizados, sendo esses, locais de crescimento e aprendizagem, tanto individual quanto coletivo. Atualmente, a participação feminina se destaca e as mulheres trabalhadoras rurais reconhecem que essa representação é resultado de uma longa trajetória de preparação que vem sendo oferecida ao longo dos anos, ou seja, foi por meio das atividades realizadas também no Comitê que elas tiveram oportunidades de adquirir conhecimentos sistematizados dos seus saberes locais, ter uma visão e compreensão crítica sobre o lugar onde habitam. Do mesmo modo, aprender sobre o seu papel de mulher e cidadã, conforme a narrativa de uma delas.

#### Box 10 – Relato de Ana Lúcia

A partir das formações, pude desconstruir ensinamentos equivocados que recebi na infância sobre o Semiárido. Aprendi sobre as riquezas que temos, sobre o lugar em que vivemos. Também aprendi que nós mulheres não precisamos nos limitar aos serviços domésticos. Podemos fazer diferentes coisas, basta ter força de vontade.

Quando o assunto se refere à Educação, seja essa no campo escolar ou não escolar, apreende-se que os seus resultados são inúmeros e nem sempre mensuráveis. E diante da narrativa dessa mulher, se percebe que ela apresenta os aspectos que mais marcaram a sua vida, que gerou transformação e crescimento pessoal. Por meio das formações vivenciadas, surge o pensar crítico sobre o que é ser mulher trabalhadora rural, sua importância para o contexto onde vive e o seu papel enquanto cidadã.

O olhar sobre a realidade semiárida e rural também emerge nessa trajetória de formação, quando as mulheres consideram o acesso à água potável uma conquista, pois garante além do consumo diário a realização de atividades para geração de renda. Isso se traduz com autonomia, liberdade. Outro aspecto mencionado por elas se refere à importância das relações interpessoais. Uma das mulheres participantes da pesquisa destacou que um resultado positivo da participação social, ou seja, nos espaços públicos foi “a convivência com as pessoas. Convivi com muita gente. Tive muita troca de informações”. (Eliana Bernadete Cajuí da Silva e Silva). Por meio dos trabalhos de grupos e movimentos, elas se unem e aprendem coletivamente. Isso pode ser vinculado ao que Sales (2007, p.438) afirma: “ao ingressar em movimentos, as mulheres rurais criam possibilidades de se afirmarem como portadoras de um saber-poder no campo da política,

que lhes proporcione também repensar seu cotidiano”. E o processo educativo traz resultados não somente para as mulheres, mas também para as suas famílias e comunidades.

Pelo acúmulo de saberes e aprendizagens ao longo dos anos, as mulheres expressam distintos benefícios adquiridos, como como exemplo: a participação enquanto expositoras nas feiras de caprino - espaço que antes era de exclusividade masculina - maior domínio referente aos cálculos sobre os investimentos e produções e maior compreensão sobre os direitos femininos. E a partir dessas conquistas, elas defendem que é possível sim viver no lugar, pois há alguns anos atrás, existia o interesse de muitas pessoas de sair da região por conta das dificuldades de sobrevivência. O que significa não apenas interesse, mas necessidade. Durante uma conversa, uma mulher disse que após adquirir informações sobre o lugar onde vive, compreendeu que não precisa ir embora, “entendi que não preciso sair do lugar onde moro em busca de emprego porque eu descobri que podemos trabalhar aqui mesmo”. (Maraíza Morgado Alves)

Pode-se atribuir o posicionamento das mulheres frente à realidade em que elas vivem às aprendizagens contextualizadas. O empoderamento delas, a partir do envolvimento nas iniciativas econômicas, ficou aparente em suas narrativas. Neste direcionamento, Sales (2007, p. 442) considera que “a participação das mulheres rurais em grupos de produção, coletivos, ocupação da terra e eventos políticos tem suscitado novos processos e reflexões sobre sua própria situação e aquilo que se passa em torno delas”. Em Massaroca essa situação pode ser evidenciada. Existem experiências produtivas com o cultivo de hortaliças, galinheiros e produção de doces, por exemplo. Existem também as experiências por meio da fábrica da polpa de umbu e da Cooperativa Agropecuária Familiar de Massaroca e Região – COOFAMA, o que lhes proporcionam o sentido de protagonistas e autonomia. A COOFAMA foi construída para abrigar os empreendimentos das mulheres na comunidade rural de Canoa com recursos públicos. A figura 9 apresenta a sede da COOFAMA.

Figura 9 – Vista panorâmica da COOFAMA



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Muitos produtos da cooperativa são comercializados diretamente pelas mulheres nas feiras. Além da venda, as feiras são espaços de divulgação e sensibilização social acerca do trabalho que é desenvolvido pelas mulheres e suas famílias. “Foi através da Feira do Bode que comecei a expor os meus doces, mel e às vezes queijo de cabra, quando tem produção de leite suficiente”. (Ivoneide Batista da Silva).

Quando o assunto é sobre os processos produtivos, já existe uma compreensão por parte das mulheres acerca da importância da coletividade e apoio mútuo. Nesse processo, valorizam o suporte que recebem de algumas instituições, tanto do poder público, quanto da sociedade civil organizada. Ao conversar com uma mulher trabalhadora rural, que vem desempenhando um importante papel de liderança local, sobre algo que se destacou em sua formação no âmbito do Projeto de desenvolvimento de Massaroca, ela apresentou a fábrica de polpa de umbu por que valorizou o trabalho local. Para ela, “a fábrica deu visibilidade. Já participei de muitas coisas, mas a fábrica foi uma grande conquista. Já fiz muitas viagens e continuo viajando. Cheguei ontem de Salvador (risos)”. (Clarice da Silva Duarte Evangelista). Ela explicou que além da teoria, as mulheres precisam da prática. Na sua opinião existem companheiras que ainda precisam acordar, despertar para as oportunidades que vêm surgindo para a geração de renda para se tornarem autônomas, protagonistas de suas vidas. A figura 10 é da pesquisadora recebendo uma caixa de ovos das mulheres de grupos produtivos.

Figura 10 – Pesquisadora recebendo “ovos da Caatinga”



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

A figura acima retrata uma das experiências exitosas de empreendimento da agricultura familiar em Massaroca, que conta com a expressiva participação das mulheres. Se refere à produção e comercialização de ovos da Caatinga, com o suporte da COOFAMA, que já possui desde 2019 o Selo de Inspeção Municipal – SIM. Nesse processo produtivo, os ovos passam por um preparo de higienização, ovoscopia, técnica para identificar se o produto tem algum defeito e a classificação para embalagem e comercialização.

Assim, tanto na produção de ovos quanto na produção de outros produtos, existe um movimento das mulheres na região que busca melhorias por meio da coletividade. E as associações presentes nas diferentes comunidades rurais de Massaroca têm função essencial nessa experiência organizativa, que ao mesmo tempo em que articula, prepara as mulheres para a construção e troca dos saberes. Outro exemplo concreto de geração de renda é a Feira Agroecológica, que além de ser uma atividade de movimentação econômica promove o processo de protagonismo feminino.

#### 4.4 PROTAGONISMO E AUTONOMIA FEMININA ALCANÇADOS PELAS MULHERES RURAIS VINCULADAS AO CAAM

O processo de protagonismo e autonomia feminina é um fato em Massaroca. E, para efeitos da presente análise, entende-se protagonismo como a condição das mulheres assumirem seus espaços na sociedade, especificamente no contexto rural, enquanto atrizes principais, desempenhando com autonomia suas atividades decorrentes das aprendizagens vivenciadas em

suas trajetórias de vida, partindo de uma experiência organizativa e comunitária. Para Oliveira, Silva e Lima (2018, p. 01)

“A participação e organização das mulheres do campo em torno de suas pautas específicas têm contribuído expressivamente para o seu reconhecimento enquanto sujeitos de direito. É através dessa organização que as mulheres vêm se tornando protagonistas [...]

Por meio da organização, as mulheres se unem e se fortalecem, buscando alternativas para a melhoria das suas condições. Conforme os relatos das mulheres participantes da pesquisa, as experiências que elas vêm experimentando é resultado de um trabalho de longos anos. Dentre os resultados, pode-se mencionar a Feira Agroecológica, que vem sendo realizada na sede do distrito, na praça principal. Ela é uma iniciativa das/os produtoras/es rurais, em parceria com o governo do Estado, via o Centro Público de Economia solidária (CESOL), que tem a finalidade de promover a comercialização dos diferentes produtos orgânicos da agricultura familiar e fortalecer o vínculo entre as comunidades envolvidas.

O grande diferencial dessa feira é a comercialização única e exclusiva de produtos orgânicos, livres de componentes agroquímicos. A consciência que produtos naturais colaboram com a saúde das pessoas e a preservação do meio ambiente, já existe entre as mulheres e as mesmas reforçam que o que estão buscando praticar hoje é uma prática do passado, quando as famílias consumiam tudo que cultivavam sem o uso de insumos externos.

São as mulheres que comercializam seus produtos: ovos, galinha de capoeira, alface, coentro, mel, doces, paçoca, licor, buchada e outros. Foram feitos contatos e diálogos com algumas mulheres as quais demonstravam grande satisfação e autovalorização por estarem ali, pois essa iniciativa representa as práticas de protagonismo que elas vêm experimentando, fazendo a exposição e comercialização dos seus produtos, concretizando dessa forma empreendimentos de geração de renda. As figuras 11 e 12 ilustram o espaço da feira agroecológica.

Figura 11 – Feira Agroecológica de Massaroca



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 12 – Feira Agroecológica de Massaroca



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Sobre o processo de participação e envolvimento das mulheres nos trabalhos organizativos e produtivos, identifica-se a grande relevância das experiências educativas. Estas promovem maior criticidade e posicionamentos para a tomada de decisões tanto de maneira individual quanto coletiva. Esses resultados foram vistos durante o contato com elas. No decorrer de uma conversa com duas mulheres, surgiram as seguintes falas, conforme apresentadas no box 11.

#### Box 11 – Relatos de Adriana e Eliene

“Eu penso assim, que os encontros das mulheres, as reuniões são trocas de experiências. A participação nos eventos também. Teve um encontro de mulheres em Sobradinho sobre o Empoderamento das mulheres. Lá, tivemos contato com lideranças políticas. As mulheres vêm ocupando seus espaços. Estão avançando.” (Adriana)

“As informações que recebemos nos encontros da igreja, das Irmãs do Bom Pastor são muito importantes. As palestras... Tivemos uma parada por conta da pandemia. (Eliene)

O relato de Adriana se referia às reuniões que acontecem mensalmente com um grupo de mulheres que ela participa. Também mencionou as reuniões mensais do CAAM e de um evento que participou há algum tempo no município de Sobradinho/BA. Nesse último evento, foi abordado o tema “Gênero”. Para ela, foi algo marcante que mudou sua forma de pensar sobre

o que é ser mulher. Nota-se que ela traz enquanto destaque a questão do empoderamento das mulheres, que envolve um processo de participação, troca de conhecimentos e posicionamento político. Trata-se diretamente de um enfrentamento coletivo diante das estruturas sociais que geram desigualdades, subordinações e até mesmo exclusões. Assim, o empoderamento torna-se algo forte na vida das mulheres, contribuindo para a emancipação e participação ativa na sociedade. Conforme Cruz, (2018, p. 107),

É preciso compreender que o processo de empoderamento das mulheres tem que desenvolver uma nova concepção de poder, que assuma formas de democracia e poder compartilhado, favorecendo a construção de novos mecanismos de responsabilidade coletiva, da tomada de decisões e de responsabilidades.

Dessa maneira, o empoderamento na vida das mulheres rurais de Massaroca se evidencia por meio de diferentes atitudes e práticas que elas desenvolvem no dia a dia, desde o convívio com a família aos espaços públicos e comunitários. Se constata atualmente uma postura diferenciada nessas mulheres, que externam suas opiniões sobre o contexto em que vivem, demonstrando propriedade e domínio na fala, sem temer julgamentos de terceiros.

Analisando a fala de Eliene, fica perceptível o reconhecimento e importância dos encontros de grupo de mulheres. Notou-se no decorrer da conversa que além da aprendizagem adquirida por meio das palestras, existe uma valorização das relações e o envolvimento entre elas. Mas, essa experiência sofreu interrupções por conta da pandemia. Aos poucos, vem retornando.

Buscando compreender como esse processo de autonomia vem ocorrendo, procurou-se ouvi-las sobre o assunto. Elas relataram que ter adquirido informações sobre determinadas temáticas, como: relações de gênero, o papel da mulher na sociedade, seus direitos e deveres, por exemplo, foi o início do despertar crítico.

Para elas, antes das formações, existia uma aceitação das situações de desvalorização feminina por conta do machismo. O reforço de sua fala está no que afirma Fischer (2004, p. 73), “antes, as mulheres se mostravam completamente submetidas à lógica da dominação masculina e assim eram vistas”. Perpetuava-se desse modo, um imaginário naturalizado sobre qual deveria ser o papel da mulher da roça, aquela submissa e totalmente dependente dos homens. Elas reconhecem que essa condição ainda não foi totalmente modificada, mas seguem na luta e é um desafio.

Figura 13 – Encontro de mulheres trabalhadoras rurais na comunidade de Canoa



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Temáticas trabalhadas nos grupos sobre empoderamento feminino, formações de liderança e comercialização foram também mencionados por elas como eixos fundamentais para esse processo de crescimento. A partir desse processo formativo, se sentiram em condições para ocupar espaços de poder e de decisão, atuando nas diretorias e presidências das associações rurais. Neste sentido, Fischer (2004, p. 73) destaca que “foi a partir da década de 1980 que as mulheres se colocaram de forma diferente, com a irrupção dos movimentos populares, com as mobilizações de bairros, que se constituíram num processo de auto-organização, reivindicando direitos”. Assim, se constata que desde esse período histórico, as experiências de formação se tornaram um marco nas mobilizações femininas em diferentes partes do país e Massaroca segue essa estratégia de organização e fortalecimento coletivo que, como observamos vem apresentando significativos resultados.

Algumas trabalhadoras rurais verbalizaram também que esse processo de autonomia tem contribuído para uma maior maturidade, para lidar com as pessoas, se referindo especialmente às companheiras e companheiros dos próprios grupos, sendo a organização coletiva um espaço de grande aprendizado.

A inserção nos movimentos sociais e a participação política foram iniciativas que também promoveram considerável impacto na vida das mulheres de um modo geral. Para Fischer, (2004, p.72) “a participação política da mulher no espaço coletivo pode contribuir para criar uma nova hegemonia na relação de gênero, na medida em que ela se torna sujeito de sua própria história”. Os movimentos sociais são referências de organização coletiva, de grupos que defendem pautas comuns, reivindicando seus direitos, buscando melhorias sociais por meio da luta política. E a existência dos movimentos se justifica pela necessidade de se ter uma sociedade mais justa e

igualitária. Assim, se organizam, geram mobilizações e propõem ações junto aos governos nas suas diferentes esferas (municipais, estaduais, federais), acessando políticas públicas, na defesa da garantia dos seus direitos, exercendo assim uma atuação cidadã fundamentada na coletividade. Sales (2007, p. 442) defende que

A partir do envolvimento em movimentos sociais as mulheres se sentem fortalecidas e começam a produzir seus processos de reação à submissão, passam a reconhecer que possuem um determinado capital específico suficiente para formar um grupo de produção, ter uma renda. Depois de experimentar uma atividade produtiva rentável, as mulheres não são as mesmas, já não se sentem tão prisioneiras, estão mais abertas às multiplicidades do mundo, sonham com liberdade e, assim, contagiam outras mulheres, afetando e sendo afetadas por esses desejos.

Assim, a Feira Agroecológica é exemplo de um trabalho coletivo, organizado. Apesar do pouco tempo de existência (iniciada em 2022), são visíveis os impactos e resultados que vem causando nas comunidades rurais. Conforme Ramos (2014, p. 42), “as mulheres vêm configurando um novo processo de movimento de apropriação e empoderamento econômico. Aos poucos se confirma o poder de articulação e implementação da mulher rural nos meios produtivos e reprodutivos da vida conjunta”.

A Feira Agroecológica é fruto de uma organização conjunta, política e de geração de renda que nasceu a partir das inquietações das mulheres, onde sentiram a necessidade de comercializar seus produtos, pensando também na saúde da população, pois estão adquirindo produtos de qualidade. A narrativa de uma mulher colaboradora dessa pesquisa que é vendedora na Feira demonstra a relevância dessa iniciativa coletiva, no relato 12.

#### Box 12 – Relato de Ana Lúcia

[...] A partir da feira, as mulheres passaram a produzir com mais frequência, pois antes, se produzia e não vendia, apenas consumia... não se acreditava que poderia gerar renda. Agora, a produção é ativa! As companheiras estão interagindo, né?! A autoestima delas... estão produzindo, ganhando um dinheirinho... a gente percebe isso no rosto de cada uma.

Apreende-se da narrativa de Ana Lúcia uma nova dinâmica de produção das mulheres trabalhadoras rurais, motivadas pela concretização da Feira Agroecológica. Conforme relatos das próprias mulheres, antes, as famílias produziam em suas comunidades, faziam as trocas dos produtos entre si. Ocorria muito desperdício, pois não existia projeção para uma comercialização externa.

É importante ressaltar que a maior parte das comunidades rurais de Massaroca está distante da sua sede. Essa questão inclusive é um dos desafios enfrentados pelas trabalhadoras rurais, pois existem mulheres que estão a 20, 30 km de distância e dependem de transporte adequado para se deslocar e levar suas mercadorias. Outra situação preocupante se refere às péssimas condições das estradas, pois são “estradas de chão”, fator que prejudica as trabalhadoras, danificando seus produtos, com a quebra dos ovos de galinha, hortaliças amassadas e queimadas pelo sol, por exemplo.

Um aspecto a destacar é que embora as mulheres rurais realizem distintas atividades, existem certas tarefas, que no imaginário social são mais delegadas aos cuidados femininos, como a criação de hortaliças e a criação de galinhas. Já a criação de caprinos está mais associada à responsabilidade masculina. Quando uma mulher se torna expositora numa feira de caprinos e ovinos, por exemplo, torna-se notícia, pois não é algo comum. Talvez, esses aspectos justifiquem a predominância da representação feminina na Feira Agroecológica de Massaroca.

Sobre a divisão sexual do trabalho no contexto rural, especialmente no que se refere à agricultura familiar, Negretto e Silva (2018, p. 04) argumentam que

A organização de espaços de formação e reflexão sobre o conceito da divisão sexual do trabalho vem auxiliando na teorização da luta feminista em todas as ações que as mulheres desenvolvem ao longo da vida, desde o cuidado da casa, educação das crianças, cuidado do lote e as atividades agrícolas.

O que se aplica às mulheres de Massaroca. A partir da participação nos espaços formativos elas passam a ter maior compreensão e criticidade sobre o acúmulo de atividades que realizam cotidianamente. Embora tenham uma dupla jornada de trabalho. Cuidam das tarefas domésticas e ainda ao raiar do dia necessitam antecipar os “serviços da casa”, para se deslocarem para o trabalho agrícola ou na criação de animais por exemplo. Mas essa jornada dupla de trabalho é invisível, não é considerada trabalho e sim ajuda.

Negretto e Silva (2018, p.04) reforçam que a jornada de trabalho da mulher rural é subestimada pelo fato do seu trabalho agrícola ser considerado uma extensão do trabalho doméstico. Dessa forma, se percebe uma desvalorização velada e a ausência do devido reconhecimento social, ou seja, uma invisibilidade do trabalho feminino. Por essa razão, problematizar o tema da divisão sexual do trabalho, reconhecendo o labor executado pelas mulheres no contexto rural é estratégia fundamental para o enfrentamento dos comportamentos e posicionamentos machistas que foram transmitidos e que ainda se perpetuam negativamente na vida das mulheres.

Além da Feira Agroecológica e outros exemplos já mencionados de protagonismo feminino em Massaroca, existem também as experiências exitosas das mulheres, que perpassa pela ocupação de lugares de decisão, tanto na presidência do Comitê quanto nas associações das diferentes comunidades rurais. A representação feminina segue se destacando, promovendo além das mobilizações, melhorias nas condições de vida nas comunidades rurais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida dessa pesquisa foi saber como os processos educativos no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca contribuíram para o protagonismo e a autonomia das mulheres vinculadas ao Comitê das Associações Agropastoris de Massaroca? O objetivo geral foi avaliar o protagonismo feminino e a autonomia das mulheres vinculadas ao CAAM a partir dos processos educativos vivenciados por elas. Para tal definiu-se como objetivos específicos i) identificar os processos educativos implementados no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca direcionados às mulheres; ii) analisar em quais aspectos os processos educativos contribuíram para o protagonismo e autonomia das mulheres vinculadas ao CAAM; e iii) revelar as mudanças e os avanços alcançados pelas mulheres rurais vinculadas ao CAAM e os desafios que elas enfrentam para exercerem o protagonismo e a autonomia feminina.

No decorrer da pesquisa buscou-se demonstrar o protagonismo feminino das mulheres vinculadas ao Comitê, apresentando certos aspectos que mereceram atenção sobre a realidade das mulheres trabalhadoras rurais de Massaroca, principalmente aqueles vinculados aos processos formativos e como revelado nas diferentes narrativas das mulheres, esses processos foram a base de suas transformações, dos seus empoderamentos e porque não dizer de suas autonomias.

Constatou-se que as mulheres estão atuando nas diferentes atividades, desde o espaço doméstico, onde desempenham diversas tarefas diárias, nas atividades agrícolas e pecuárias, aos espaços públicos. Elas também vêm ocupando espaços de poder e de decisão nas experiências organizativas locais, tais como: associações rurais existentes nas comunidades e do próprio CAAM. Mas, ainda falta o devido reconhecimento do trabalho que desenvolvem. A Feira Agroecológica desponta como um significativo espaço de visibilidade, autonomia e liberdade das mulheres de Massaroca.

A concretização da Feira Agroecológica torna-se, portanto, uma das respostas para demonstrar o potencial da produção e comercialização alternativa. Apesar da predominância feminina, não está fechada somente para a participação das mulheres. Tomando como referência os relatos das mulheres, fica em evidência a busca pela conservação das relações de equidade entre homens e mulheres, embora reconheçam a falta de envolvimento dos homens nas exposições dos produtos.

Para o desenvolvimento da Feira Agroecológica, além da parceria com o governo do Estado e o município de Juazeiro/BA, as mulheres trabalhadoras rurais contam também com o apoio de algumas instituições, a exemplo do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, que oferece assessoria técnica para o acesso às políticas públicas nas comunidades, visitas das escolas, Universidade (UNEB), estudantes universitários e pesquisadores/as que por meio dos estudos e investigações, produzem conhecimentos sobre as iniciativas de geração de renda e economia solidária, contribuindo para a propagação e sensibilização social dessas vivências.

As experiências de economia solidária são dinâmicas, necessitam de cooperação e ajuda mútua entre todas as pessoas envolvidas. É também espaço fértil para aprendizagem. E nessa trajetória de construção do conhecimento, existem os obstáculos e/ou desafios, que necessitam ser identificados e solucionados. Alguns desses foram evidenciados pelas mulheres, que já vêm refletindo e buscando em conjunto possíveis medidas de solução.

Compreende-se que certos problemas são estruturais, a exemplo das estradas de chão, que necessitam de intervenções por parte do poder público. Outra situação desafiadora que as mulheres destacam se refere a questão da infraestrutura da Feira, que não é fixa, necessitando de um trabalho de montagem e desmontagem das barracas. Essa tarefa requer tempo e conforme já mencionado, as trabalhadoras rurais moram distante do local, com péssimas condições de acesso nas estradas. A COOFAMA se responsabiliza pela realização da Feira, mas a montagem e desmontagem das barracas ficam sob a responsabilidade das mulheres que pagam pelo serviço que é realizado por terceiros.

De acordo os relatos das mulheres, seria mais interessante uma estrutura fixa no local. Mas, essa questão é algo que ainda necessita ser refletida internamente, para que de forma coletiva, possam tomar as decisões mais adequadas.

Outro desafio mencionado pelas mulheres se refere à inserção de mais pessoas, para a garantia de uma produção mais constante, diversificada e organizada. Do mesmo modo, a ter o envolvimento da juventude. Conforme relatos das mulheres, os jovens produzem, porém ainda nas suas comunidades locais, de maneira isolada.

Pôde-se perceber a existência de um movimento coletivo das mulheres trabalhadoras rurais no Distrito de Massaroca, que juntas se organizam, vão a luta e com muita coragem e intrepidez enfrentam os obstáculos, tanto no espaço doméstico quanto nos espaços públicos para concretizarem a iniciativa de geração de renda que até pouco tempo era apenas um sonho, mas, tornou-se realidade a partir de movimentos como a Feira Agroecológica.

Para as mulheres trabalhadoras rurais, o processo de autonomia depende também da independência financeira. Mas, nem todas têm esse acesso garantido, se tornando dependentes de outras pessoas da família, como seus companheiros/maridos.

Outra questão em destaque se refere à existência do machismo no contexto de Massaroca. Embora já tenha ocorrido certo avanço, este é um assunto que ainda requer uma atenção especial, inclusive tratado de forma adequada para não interromper o processo de liberdade das mulheres. Isso se traduz em uma dificuldade principalmente em relação ao papel de liderança que as mulheres vêm protagonizando em determinados espaços públicos. E, mesmo quando assumem esse papel, elas, precisam comprovar a todo o momento que são eficientes e qualificadas para exercer funções tão importantes.

Embora seja comprovada a existência de tal problemática, vale considerar que esta não é algo que tem paralisado a vida das mulheres participantes da pesquisa. Pelo contrário, existe um processo de construção do conhecimento crítico que as auxilia no fortalecimento individual e coletivo, sendo um mecanismo para o enfrentamento e superação da mencionada questão. Desse modo, as vivências educativas são experiências transformadoras na vida das mulheres, principalmente as práticas não escolares.

Existem mulheres que vêm vivenciando processos de autogestão, produzindo e comercializando de maneira autônoma, com experiências de geração de renda. Existem também aquelas que ingressaram no mercado de trabalho formal. Esses são exemplos dos resultados obtidos por meio dos aprendizados adquiridos ao longo dos últimos 30 anos em Massaroca.

Assim, é possível afirmar que apesar dos desafios, as mulheres trabalhadoras rurais não desanimam, nem se comportam com atitudes de autocomplacência, longe disso, valorizam as oportunidades existentes e buscam aproveitá-las ao máximo, fazendo dessas condições, fontes

de revitalização pessoal e coletiva para as suas conquistas diárias. Elas seguem trilhando esse caminho de construção e organização socioeducativa.

O desenvolvimento dessa pesquisa oportunizou o contato e a aproximação com as realidades das diferentes comunidades rurais em Massaroca, gerando uma maior compreensão sobre o quanto esse Distrito é fértil em vivências organizativas e produtivas.

As pessoas que ali habitam, sobretudo as mulheres, demonstram muita coragem e vontade de superar as dificuldades que enfrentam cotidianamente. São mulheres que carregam consigo uma visão crítica sobre a realidade semiárida, explicitando que as condições naturais da região não é o centro do problema que afeta as suas condições de vida, mas a carência de políticas públicas adequadas ao contexto local, que venham atender às necessidades do distrito.

E a partir dessa compreensão, suscitada pelos processos educativos, surgem as respostas para o enfrentamento e superação das situações de vulnerabilidades sociais, educativas, políticas e econômicas, bem como as questões voltadas para as desigualdades de gênero. Isso demonstra que as mulheres trabalhadoras rurais seguem avançado em seus processos de construção do posicionamento crítico sobre as suas realidades enquanto mulheres cidadãs.

Conforme já afirmado, existe um sentimento de pertencimento com relação ao lugar onde vivem, que se expressa nas falas, atitudes e comportamentos quando se referem ao distrito. Existe ainda uma autovalorização diante das conquistas adquiridas, em relação à Escola Rural de Massaroca (ERUM), ao Comitê das Associações Agropastoris de Massaroca (CAAM e as associações que o compõem).

O CAAM, no distrito de Massaroca, Juazeiro-BA, representa, portanto, o lugar de participação e o engajamento popular, sobretudo das mulheres trabalhadoras rurais para a reivindicação do acesso e da garantia dos direitos das suas comunidades. É um espaço político, de participação democrática, que representa o povo de Massaroca, acolhendo as demandas e necessidades das comunidades rurais. Nos últimos anos, vem sendo gerido pelas mulheres trabalhadoras rurais, tendo como presidente uma mulher que desde adolescente participa das atividades comunitárias, Sr<sup>a</sup> Jousivane dos Santos Silva.

Ao final da pesquisa, pode-se afirmar que existe um processo de protagonismo das mulheres em Massaroca, que pode ser evidenciado por meio das ações que são desenvolvidas por elas, quer sejam individuais quanto coletivas, suscitando melhorias para as suas vidas, suas famílias e suas comunidades. Esse processo também se torna visível diante dos posicionamentos sobre as suas realidades enquanto trabalhadoras rurais. São mulheres atuantes, que participam de encontros formativos, capacitações, mobilizações sociais, eventos sociais com pautas voltadas para a vida no Campo, Relações de Gênero e outros.

Em suma, a pesquisa evidencia o papel das mulheres rurais como provedoras do lar, no exercício de atividades geradoras de renda familiar que tem sido fundamental para sua autonomia. Esses aspectos também implicam na sua condição de liberdade e de visibilidade perante a sociedade. O estudo demonstra ainda que a condição das mulheres no espaço rural pesquisado tem passado por uma transformação social significativa, que segundo elas próprias tem a ver com os processos formativos que elas vêm participando dentro e fora do CAAM. Os espaços públicos que elas frequentam têm lhes permitido sair da invisibilidade e as colocando como protagonistas de suas histórias de vida, como também têm permitido que elas adquiram mais autonomia e liberdade, o que as diferenciam do lugar comum da mulher rural historicamente subalternizada.

Ao concluir esta pesquisa, tem-se a convicção que ela não é conclusiva de muitos outros objetos de estudos que possam vir a ser pesquisados em relação às mulheres nesse espaço rural. O que foi apresentado foi uma pontinha de um *iceberg* que tem muito a ser revelado sobre o protagonismo da mulher rural. No entanto, não há dúvidas que o que aqui foi apresentado já tem sua importância social para o Distrito de Massaroca, sobretudo para as mulheres, pois revela uma trajetória histórica de transformação e crescimento local, resultados de processos educativos, o que coloca a formação como relevante para o processo de transformação social. Tem também sua importância acadêmica, como mais um produto que pode gerar muitas discussões e gerar novos temas de pesquisas. Do mesmo modo, destaca-se como uma contribuição científica, pois trata-se de um estudo necessário referente às experiências da Educação contextualizada para convivência com o Semiárido brasileiro.

## REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

ARAÚJO, Rafaela Santos; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante. Currículo e atos de currículo: importantes ferramentas para uma educação contextualizada na escola do campo. Espaço do Currículo, v.9, n.3, p. 459-469, setembro a dezembro de 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/29463-72657-1-PB.pdf> Acesso em: 27 de abril de 2023.

Articulação Nacional de Agroecologia: Encontro nacional de Agroecologia. Disponível em: <https://enagroecologia.org.br/noticias/> . Acessado em: 25 de fevereiro de 2023

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; tradução de GUARESCHI, Pedrinho A. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático – 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

BUSS, Paulo Marchiori; LIMA, Nísia Trindade; Sousa-Paes, Rômulo. Cadernos de Saúde Pública – CSP. 2020; 36(7):e00177020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2020.v36n7/e00177020/pt> Acesso em: 13 de outubro de 2022.

CARDANO, Mario. Manual de Pesquisa Qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação/Mario Cardano; tradução de Elisabeth da Rosa Conill. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. – (Coleção Sociologia)

CARON, Patrick; SABOURIN, Eric e SILVA, Pedro Carlos Gama da. O manejo dos "fundos de pasto" no nordeste baiano: um exemplo de reforma agrária sustentável. Disponível em: [https://agritrop.cirad.fr/390150/1/document\\_390150.pdf](https://agritrop.cirad.fr/390150/1/document_390150.pdf) . Acesso em: 04 de janeiro de 2022.

CARON, Patrick; SABOURIN, Eric. Camponeses e fundos de pasto no nordeste da Bahia. Diversidade do Camponato: expressões e categorias. Vol II Estratégias de reprodução social, pp.89-115, 2009. fhal-02837770, junho de 2020.

CARVALHO, Luzineide Dourado. Cadernos de estudos sociais - A educação contextualizada: saberes tecidos no contexto e na interação natureza e cultura. Recife, v. 27, no. 1, p. 081-096, jan./jun., 2012.

CENDALES, Lola; MARINO, Germán. Educação não-formal e educação popular: para uma pedagogia do diálogo cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/1759-6602-1-PB.pdf> Acesso em: 14 de setembro de 2021.

COSTA, Fabrício Roberto; SCHIAVO, Reinaldo Azevedo; ZANGELMI, Arnaldo José.

COUTINHO, Ana Rita Costa e GROSSI, Patricia Krieger. Violência contra a mulher do campo: desafios às políticas públicas. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14864/2/Violencia\\_contra\\_a\\_mulher\\_do\\_campo\\_desafios\\_as\\_politicas\\_publicas.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14864/2/Violencia_contra_a_mulher_do_campo_desafios_as_politicas_publicas.pdf) Acessado em: 27 de fevereiro de 2023.

CRUZ, Maria Helena Santana. Empoderamento das mulheres. Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.2, p.101-114, jan./jun. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/grmb,+inc.soc.v11-n2-2018-ID-4248.pdf> Acessado em: 27 de abril de 2023.

DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file> . Acesso em: 24 de novembro de 2022.

FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista; tradução de Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2019.

FISCHER, Isaura Rufino. O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação: um estudo no acampamento do Engenho Prado. 2004. Tese (Doutorado em Serviço Social) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? [recurso eletrônico] / Paulo Freire; tradução Rosiska. Darcy de Oliveira. - [1. ed.] - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/38319324/Paulo\\_Freire\\_Extens%C3%A3o\\_ou\\_comunica%C3%A7%C3%A3o\\_pdf](https://www.academia.edu/38319324/Paulo_Freire_Extens%C3%A3o_ou_comunica%C3%A7%C3%A3o_pdf). Acesso em: 24 de junho de 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 57ª Ed – Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/1-52-3-PB.pdf> Acesso em: 08 de abril de 2023.

HERRERA, Karolyna Marin. Da Invisibilidade ao Reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. Revista Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 15 - Edição Especial – 2016.

HERRERA, Karolyna Marin. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373328660\\_ARQUIV\\_O\\_ArtigoFazendogenerofinal.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373328660_ARQUIV_O_ArtigoFazendogenerofinal.pdf) . Acesso em: 07 de fevereiro de 2022.

ITURRA, Raul. O processo educativo: ensino ou aprendizagem. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC1/Iturra.pdf> Acesso em: 08 de novembro de 2022.

JÚNIOR, Wagnervalter Dutra; MATOS, Andrevânia Santos de. Trabalho e formação humana em espaços educativos não formais. XIII Colóquio Nacional e VI Colóquio Internacional do Museu Pedagógico – UESB, 2019. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/9112/8777> Acesso em: 09 de novembro de 2022.

MALVEZZI, Roberto. Semiárido – uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

MARQUES, Siomara Aparecida. Mulheres em contextos rurais: experiências e teorias. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373293695\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoparaFazendogenero10.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373293695_ARQUIVO_TextoCompletoparaFazendogenero10.pdf) . Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. Revista de Contabilidade e Organizações, v. 2, n. 2, p. 9-18, jan./abr., 2008.

MARTINS, Josemar da Silva. Educação contextualizada: da teoria à prática. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana/Downloads/EDUCAC%CC%A7A%CC%83O%20CONTEXTUALIZADA\\_DA%20TEORIA%20A%CC%80%20PRA%CC%81TICA.pdf](file:///C:/Users/Ana/Downloads/EDUCAC%CC%A7A%CC%83O%20CONTEXTUALIZADA_DA%20TEORIA%20A%CC%80%20PRA%CC%81TICA.pdf) Acesso em: 30 de outubro de 2021.

MENEZES, Pedro. Qual a diferença entre machismo e feminismo. Disponível em: <https://www.diferenca.com/machismo-e-feminismo/> . Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. – Petrópolis, RJ: Vozes, 5ª reimpressão 2021.

MOLINA, Monica Castagna; JESUS, Sofia Meire Santos Azevedo de. Por uma educação do campo: contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Brasília, DF, 2004. Coleção Por Urna Educação do Campo. nº 5.

MOURA, Eliana; ZUCHETTI, Dinora Tereza. Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social. Educação Unisinos, vol. 10, núm. 3, 2006, pp. 228-236 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644424008.pdf> Acesso em: 05 de abril de 2023.

NEGRETTO, Carla e SILVA, Márcia Alves da. Problematizando a divisão sexual do trabalho em assentamentos da reforma agrária. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/311.pdf> Acesso em: 19 de julho de 2022.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes do; LUZ, Maria Aparecida Carvalho Alencar. Pesquisa científica: conceitos básicos. ID online- Revista de psicologia. Ano 10, No. 29. Fevereiro/2016 - ISSN 1981-1179 Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/390-Texto%20do%20Artigo-780-1085-10-20160412.pdf> Acesso em: 10 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Kelly Santiago; SILVA, Selma Conceição Freitas; LIMA, Vanessa Dias de. O protagonismo das mulheres na construção da agroecologia. Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero. Disponível em:

<file:///C:/Users/Ana/Downloads/MULHERES%20E%20AGROEOCLOGIA.pdf> . Acesso em: 27 de abril de 2023.

PALITOT, Maria de Fátima de Souza. Pedagogia da alternância: estudo exploratório na escola rural de massaroca (ERUM). 2007. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa/MG, 2007.

PEREIRA, Josiele Rodrigues; PEREIRA, Rosenildo da Costa. Revista Travessias. Educação do campo e educação rural no Brasil. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/15051/10253>. Acesso em, 11 de março de 2020.

RAMOS, Crystiane Pontes. Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local. Revista Gênero, v.15, n1, 2 sem.2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana/Downloads/31200-Texto%20do%20Artigo-106471-1-10-20160226%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Ana/Downloads/31200-Texto%20do%20Artigo-106471-1-10-20160226%20(3).pdf) . Acesso em: 11 de novembro de 2022.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação e desenvolvimento rural em Massaroca: avaliação de uma prática educativa. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Université du Québec à Chicoutimi/Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro, 2002.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a convivência com o semiárido: desafios e possibilidades. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana/Downloads/EDUCA%C3%87%C3%83O%20PARA%20A%20CONVIV%C3%8ANCIA%20COM%20O%20SEMI%C3%81RIDO\\_%20DESAFIOS%20E%20POSSIBILIDADES%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ana/Downloads/EDUCA%C3%87%C3%83O%20PARA%20A%20CONVIV%C3%8ANCIA%20COM%20O%20SEMI%C3%81RIDO_%20DESAFIOS%20E%20POSSIBILIDADES%20(1).pdf) Acesso em: 30 de outubro de 2021.

REIS, Edmerson dos Santos; BARROS, Edonilce da Rocha. A experiência de uma escola rural no contexto do projeto de desenvolvimento local de Massaroca, semiárido baiano. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 216, p. 236-248, maio/ago. 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 2, p. 437-443, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zxBLWVLxQwRGT8zgC6fGqdF/?lang=pt>. Acesso em: 24 de setembro de 2021.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Contexto & Educação. O Processo Educativo na Perspectiva Histórico-Cultural. Editora Unijuí. Ano 29. Número 93. Maio/Ago. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/1658-Texto%20do%20artigo-23506-1-10-20150903.pdf> Acesso em: 09 de novembro de 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. 20(2):71-99. julho/dezembro, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em: 20 de outubro de 2022.

SILVA, André Luiz Batista da. A Educação do campo no contexto da luta do movimento social: uma análise histórica das lutas, conquistas e resistências a partir do movimento nacional da Educação do campo. Revista Brasileira de História da Educação (v.20, 2020). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/CBJqwZKM8jQnWzXmpk7X8CD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

SIQUEIRA, A. S. S. Empoderamento de mulheres agricultoras: possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido baiano. Salvador: UFBA, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2240/879>. Acesso em: 18 de março de 2020.

VIANA, Carlos Eduardo Souza. Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira. Janus, Lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=conceito+de+educa%C3%A7%C3%A3o&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=conceito+de+educa%C3%A7%C3%A3o&btnG=) Acesso em: 05 de abril de 2023.

VIANA, José Danilo da Silva. Histórias de vida e currículo: experiências dos sujeitos da educação de jovens e adultos. V CONEDU – Congresso Nacional de Educação 2018. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA12\\_ID2295\\_20082018192235.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA12_ID2295_20082018192235.pdf). Acesso em: 12 de setembro de 2022.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza; MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. Práticas socioeducativas e formação de educadores: novos desafios no campo social. Ensaio: avaliação e Políticas públicas em Educação, v. 18, n. 66, p. 9-28, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n66/a02v1866.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

## APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da/o Participante: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M  
( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Complemento: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_/(\_\_\_\_)

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA: PROCESSOS EDUCATIVOS E PROTAGONISMO FEMININO: A FORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM DE MASSAROCA, JUAZEIRO-BA.
2. PESQUISADORA RESPONSÁVEL: ANA PAULA SILVA DOS SANTOS
3. CARGO/FUNÇÃO: P E S Q U I S A D O R A / D I S C E N T E

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

A senhora ou o senhor está sendo convidada/o a participar como voluntária/o da pesquisa: PROCESSOS EDUCATIVOS E PROTAGONISMO FEMININO: A FORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM DE MASSAROCA, JUAZEIRO-BA, de responsabilidade dessa pesquisadora Ana Paula Silva dos Santos, discente da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo avaliar se os processos educativos no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca contribuíram para o protagonismo feminino e a autonomia das mulheres vinculadas ao CAAM (Comitê de Associações Agropastoris de Massaroca).

Entre os benefícios que a nossa pesquisa pode oferecer, destacamos a oportunidade de dar maior visibilidade às mulheres do Semiárido, trazendo à tona a importância de sua participação no contexto aonde vivem. Um outro benefício é evidenciar os avanços que a mulher rural alcançou a partir de sua inserção nos espaços públicos, apontando também os desafios que enfrentam para seu protagonismo e autonomia, desde a participação e vinculação ao CAAM.

Caso aceite participar da pesquisa, a senhora ou o senhor será entrevistada/o por mim, Ana Paula Silva dos Santos, responsável pela pesquisa. Também realizaremos algumas entrevistas em grupos, e caso seja do seu interesse a senhora ou o senhor podem participar e da mesma forma nos comprometemos que todas as informações saídas do grupo serão reservadas apenas para agregar aos resultados da pesquisa sem, contudo, relacionar os nomes dos informantes, ou seja, será preservado o anonimato.

Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, e isso não trará nenhuma consequência para a senhora ou senhor. Respeitamos a sua decisão, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Em todas as situações, garantimos que os dados não serão usados para fins diferentes do proposto nessa pesquisa, ou seja, geração de conhecimento científico para popularização da ciência.

Tendo em vista que toda pesquisa envolvendo seres humanos implica em algum tipo de risco, alertamos que a senhora ou o senhor poderá se sentir incomodada/o durante as entrevistas. Por essa razão, caso alguma questão lhe cause algum constrangimento, não precisa responder. Mas se quiser responder todas as questões e mesmo falar de particularidades que julgar improcedentes, pode expor, nos comprometemos com total sigilo, ética e respeito a sua pessoa, preservando o anonimato.

Durante todo o período da pesquisa, a senhora ou senhor terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, sendo estes feitos por mim. Caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia.

Informo ainda, que, de acordo com as leis brasileiras, fica também, garantida indenização em casos de algum dano a sua pessoa comprovadamente decorrente da participação na pesquisa. A senhora ou senhor receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Ana Paula Silva dos Santos

Endereço: Rua Pero Vaz de Caminha, 306, Alto da Aliança, Juazeiro BA CEP: 48.909-315

Telefone: (74) 9 8843-7152 E-mail: [aluapssantos@hotmail.com](mailto:aluapssantos@hotmail.com)

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA.

CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF.

#### V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos, benefícios e riscos de minha participação na pesquisa : PROCESSOS EDUCATIVOS E PROTAGONISMO FEMININO: A FORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM DE MASSAROCA, JUAZEIRO-BA e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntária/o consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos e assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura do pesquisador discente  
(orientanda)

---

Assinatura do professor responsável  
(orientadora)



3. Quais as atividades oferecidas no âmbito do Projeto de desenvolvimento de Massaroça você considera que foram fundamentais na sua formação?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

4. O que as formações que você vivenciou durante seu envolvimento nas atividades do Comitê, das associações ou mesmo da ERUM trouxeram para a sua vida enquanto mulher rural?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Quais mudanças e avanços que você considera que alcançou a partir da sua vinculação ao CAAM?

---

---

---

---

---

---

---

---



<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
9. Quais são os principais problemas que a mulher rural enfrenta na atualidade?
<hr/>
10. Comente sobre as principais atividades que você participou e julga que contribuiu para a sua condição de mulher.
<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

OBSERVAÇÕES:

---

---

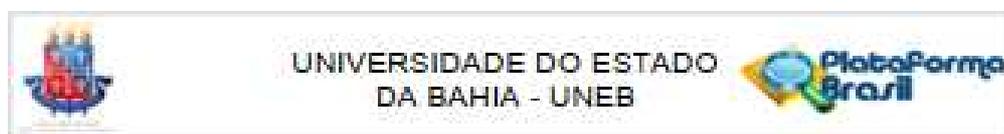
---

---

---

## ANEXOS

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** PROCESSOS EDUCATIVOS E PROTAGONISMO FEMININO: A FORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM DE MASSAROCA, JUAZEIRO-BA.

**Pesquisador:** ANA PAULA SILVA DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 56457322.0.0000.0057

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.336.476

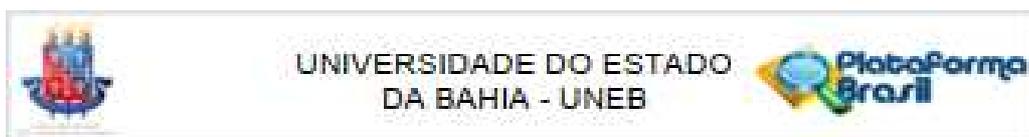
**Apresentação do Projeto:**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO MULTIDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA**

Este projeto de pesquisa tem a proposta de desenvolver um estudo sobre os processos socioeducativos e suas contribuições para a autonomia das mulheres vinculadas ao Comitê de Associações Agropastoris de Massaroca (CAAM), em Juazeiro/BA. Nessa pesquisa, se pretende identificar quais impactos e resultados estão sendo alcançados na vida das mulheres, por meio de suas iniciativas laborais cotidianas no contexto local. Por meio da pesquisa, busca-se evidenciar a participação e o envolvimento das mulheres nas diversas atividades rurais, agrícolas e não agrícolas e agroindustrial familiar. As mulheres hoje participam dos espaços institucionais, de poder e decisão, nas funções de presidentes das associações, do Comitê, coordenação de projetos produtivos, dentre outras atividades, antes atribuídas apenas aos homens. Espera-se revelar a condição feminina, nesse espaço rural, sob o paradigma da educação contextualizada para convivência com o Semiárido Brasileiro, buscando perceber se essa educação desencadeou ou não processos de autonomia na vida das mulheres.

**Hipótese/Pergunta orientadora:**

**Endereço:** Avenida Engenheiro Oscar Pereira s/n, antigo prédio da Petrobras 2ª andar, sala 1, Água de Meninas,  
**Bairro:** Água de Meninas **CEP:** 40.490-120  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3812-1330 **Fax:** (71)3812-1330 **E-mail:** cepuniba@uneb.br



Continuação do Parecer 5.306.476

Os processos educativos no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca contribuíram para o protagonismo feminino e a autonomia das mulheres vinculadas ao Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca (CAAM)?

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Apurar se os processos educativos no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca contribuíram para o protagonismo feminino e a autonomia das mulheres vinculadas ao CAAM.

**Objetivo Secundário:**

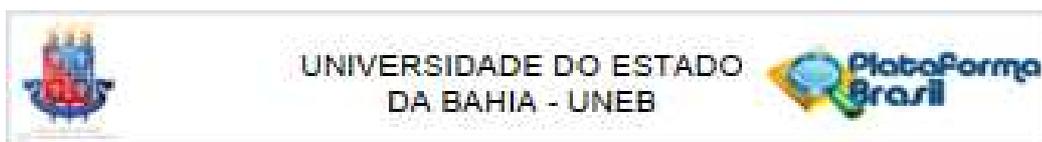
- Identificar os processos educativos implementados no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massaroca direcionados às mulheres.
- Analisar em quais aspectos esses processos educativos contribuíram para o protagonismo e autonomia das mulheres vinculadas ao CAAM.
- Apontar mudanças e avanços alcançados pelas mulheres rurais vinculadas ao CAAM e os desafios que elas enfrentam para exercerem o protagonismo feminino e a autonomia.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Vale a informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante. Essas possibilidades trazem uma perspectiva de ação nas várias áreas inerentes à vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, espiritual e profissional do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente.

Destacamos que a informação dos possíveis riscos da pesquisa fornecida aos participantes tem a função pedagógica de proporcionar o entendimento e a correlação da experiência de vida dele (o participante) com o objeto do estudo e os processos de registro de dados para decidirem se querem/podem/devem ou não participar, sabendo que tem possibilidade mínima do desconforto, constrangimento ou cansaço, sempre no foco de promover ainda mais a dignidade dos envolvidos. Considerando-se a partir deste entendimento a decisão da participação ou não, pois só com o conhecimento pleno das circunstâncias da pesquisa pode-se exercer a autonomia em plenitude.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pereira s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninas,  
 Bairro: Água de Meninas CEP: 40.490-120  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3812-1330 Fax: (71)3812-1330 E-mail: capuneti@uneb.br



Continuação do Parecer 5.306.476

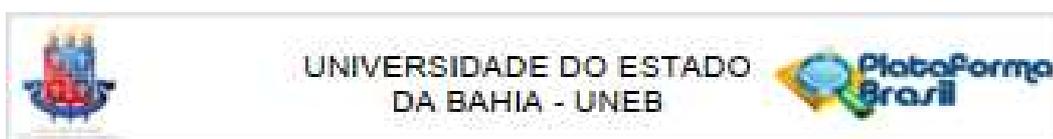
Outro aspecto que se vislumbra com essa informação é que ao correlacionar a experiência de vida, o objeto e os dispositivos de registro de dados, o participante evita de participar se entender que há a possibilidade da maleficência por conta das suas experiências e o/a pesquisador/a livra-se de embaraços e até possíveis processos.

Evidencia-se com essas informações/tensões a tentativa de manter-se a dignidade, além de colocar em "tela" que a variável dominante não é a pesquisa e sim a experiência de vida do participante e a vasta possibilidade de não conhecer-se a pleno todas as experiências de vida dos seres humanos envolvidos na pesquisa.

A pesquisadora informa no documento TOLE postado em 24/03/2022:

A senhora ou o senhor está sendo convidado/a a participar como voluntário/a da pesquisa: PROCESSOS EDUCATIVOS E PROTAGONISMO FEMININO: A FORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE AUTONOMIA DAS MULHERES VINCULADAS AO CAAM DE MASSAROCÁ, JUAZEIRO-BA, de responsabilidade dessa pesquisadora Ana Paula Silva dos Santos, discente da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo avaliar se os processos educativos no âmbito do projeto de desenvolvimento local de Massarocá contribuíram para o protagonismo feminino e a autonomia das mulheres vinculadas ao CAAM (Comitê de Associações Agropastoris de Massarocá). Entre os benefícios que a nossa pesquisa pode oferecer, destacamos a oportunidade de dar maior visibilidade às mulheres do Semiárido, trazendo à tona a importância de sua participação no contexto onde vivem. Um outro benefício é evidenciar os avanços que a mulher rural alcançou a partir de sua inserção nos espaços públicos, apontando também os desafios que enfrentam para seu protagonismo e autonomia, desde a participação e vinculação ao CAAM. Caso aceite participar da pesquisa, a senhora ou o senhor será entrevistado/a por mim, Ana Paula Silva dos Santos, responsável pela pesquisa. Também realizaremos algumas entrevistas em grupos, e caso seja do seu interesse a senhora ou o senhor podem participar e da mesma forma nos comprometemos que todas as informações saídas do grupo serão reservadas apenas para agregar aos resultados da pesquisa sem, contudo, relacionar os nomes dos informantes, ou seja, será preservado o anonimato. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, e isso não trará nenhuma consequência para a senhora ou senhor. Respeitamos a sua decisão, sua recusa não

Endereço: Avenida Engenheiro César Pereira s/n, antigo prédio da Petrópolis 3º andar, sala 1, Água de Meninas,  
 Bairro: Água de Meninas CEP: 40.480-120  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3812-1330 Fax: (71)3812-1330 E-mail: capunabi@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.306/176

trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Instituição. Em todas as situações, garantimos que os dados não serão usados para fins diferentes do proposto nessa pesquisa, ou seja, geração de conhecimento científico para popularização da ciência. Tendo em vista que toda pesquisa envolvendo seres humanos implica em algum tipo de risco, alertamos que a senhora ou o senhor poderá se sentir incomodada(o) durante as entrevistas. Por essa razão, caso alguma questão lhe cause algum constrangimento, não precisa responder. Mas se quiser responder todas as questões e mesmo falar de particularidades que julgar improcedentes, pode expor, nos comprometemos com total sigilo, ética e respeito a sua pessoa, preservando o anonimato. Durante todo o período da pesquisa, a senhora ou senhor terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, sendo estes feitos por mim. Caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Informo ainda, que, de acordo com as leis brasileiras, fica também, garantida indenização em casos de algum dano a sua pessoa comprovadamente decorrente da participação na pesquisa. A senhora ou senhor receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

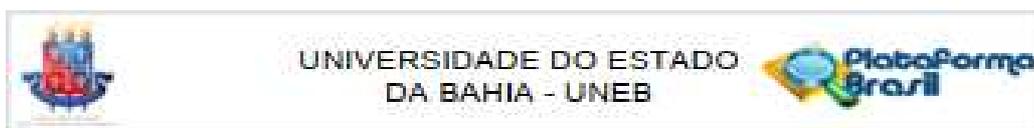
A pesquisadora informa o possível risco de constrangimento ao responder alguma pergunta, formas de minimizar ou sanar o risco caso algo aconteça. Informa ainda aos pesquisados, além dos benefícios da pesquisa, seu direito à indenização caso se sintam lesados em alguma etapa da pesquisa.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

A pesquisa é importante com o potencial de melhorar/evoluir a atividade estudada e os participantes envolvidos nela uma vez que poderá oferecer a oportunidade de dar maior visibilidade às mulheres do Semântido, trazendo à tona a importância de sua participação no contexto onde vivem e evidenciar os avanços que a mulher rural alcançou a partir de sua inserção nos espaços públicos, apontando também os desafios que enfrentam para seu protagonismo e autonomia, desde a participação e vinculação ao CAAM.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pereira s/n, antigo prédio da Petrobras 3ª andar, sala 1, Água de Meninas,  
 Bairro: Água de Meninas CEP: 40.480-120  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3812-1330 Fax: (71)3812-1330 E-mail: [cpunab@uneb.br](mailto:cpunab@uneb.br)



Continuação do Parecer: 5.336/L476

**Critério de Inclusão:** Será considerado como critério de inclusão no projeto: a participação das mulheres, sendo todas elas vinculadas ao CAAM e/ou a ERUM. Dentre estas, aquelas que exerceram funções tanto na diretoria do comitê, quanto na direção da escola e outras que exerceram ou exercem posições nas diretorias das associações vinculadas ao comitê e também nos empreendimentos comunitários. Participarão também alguns homens (cerca de 6 entrevistados). Serão aqueles que exerceram os cargos na diretoria do Comitê.

**Critério de Exclusão:** Não participarão da pesquisa pessoas que não fazem parte do CAAM, da ERUM e das Associações comunitárias.

O orçamento: Financiamento próprio.

O cronograma: Executível.

Instrumento de registro de dados: Dentro da eticidade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

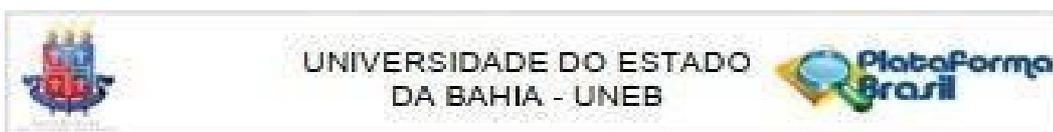
Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em consonância.
- 2 – Termo de confidencialidade: Em consonância.
- 3 – A autorização Institucional da proponente: Em consonância.
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Em consonância.
- 5 – Anuência da comunidade: Não se aplica.
- 6 – Folha de rosto: Em consonância.
- 7 – Modelo do TCLE: Em consonância.
- 8 – Modelo do Assentimento: Não se aplica.
- 9 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em consonância.
- 10 – Termo de concessão: Em consonância.
- 11 – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Em consonância.

**Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pereira s/n, antigo prédio da Petrobras 3ª andar, sala 1, Água de Meninas,  
 Bairro: Água de Meninas CEP: 40.405-120  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3613-1330 Fax: (71)3613-1330 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.306/176

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

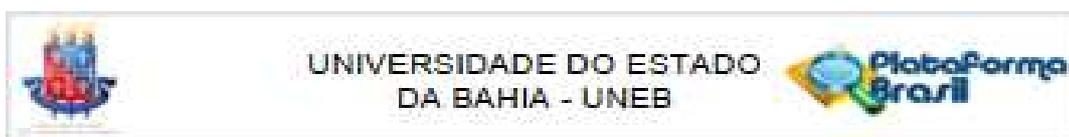
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1904102.pdf	24/03/2022 10:06:46		Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista_Homens.pdf	24/03/2022 10:03:28	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista_Mulheres.pdf	24/03/2022 10:01:55	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MULHERES_MASSAROCA.pdf	24/03/2022 10:01:04	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/03/2022 10:00:36	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_compromisso_coleta_dados.pdf	04/03/2022 22:02:56	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_concessao_ERUM.pdf	04/03/2022 22:01:14	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_concessao_CAAM.pdf	04/03/2022 21:59:41	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	01/03/2022 17:57:44	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_Autorizacao_Proponente.pdf	01/03/2022 17:54:49	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_Autorizacao_ERUM.pdf	01/03/2022	ANA PAULA SILVA	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pereira s/n, antiga prédio da Petrobras 3ª andar, sala 1, Água de Meninas,  
 Bairro: Água de Meninas CEP: 40.460-120  
 UF: BA Município: SALVADOR  
 Telefone: (71)3612-1330 Fax: (71)3612-1330 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.395.476

Outros	Termo_Autorizacao_ERUM.pdf	17:53:36	DOS SANTOS	Aceito
Outros	Termo_Autorizacao_CAAM.pdf	01/03/2022 17:52:30	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_Concordancia.pdf	01/03/2022 17:48:06	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_compromisso_pesquisador.pdf	01/03/2022 17:32:29	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	01/03/2022 17:31:19	ANA PAULA SILVA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 07 de Abril de 2022

Assinado por:  
Aderval Nascimento Brito  
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pereira s/n, antigo prédio da Petrobras 3ª andar, sala 1, Água de Meninas,  
Bairro: Água de Meninas CEP: 40.465-130  
UF: BA Município: SALVADOR  
Telefone: (71)3612-1330 Fax: (71)3612-1330 E-mail: copunet@uneb.br